

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

*«Com o mal dos outros posso eu bem!»*

O Impacto da Crença no Mundo Justo, da Inocência da Vítima e da  
Categorização Social da Vítima na Vitimização Secundária e na  
*Schadenfreude*

Ana Sofia Rebelo da Cunha Pereira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:  
Doutora Isabel Correia, Professor Auxiliar,  
ISCTE-IUL

Setembro, 2009



ISCTE – INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

*«Com o mal dos outros posso eu bem!»*

O Impacto da Crença no Mundo Justo, da Inocência da Vítima e da  
Categorização Social da Vítima na Vitimização Secundária e na  
*Schadenfreude*

Ana Sofia Rebelo da Cunha Pereira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:  
Doutora Isabel Correia, Professora Auxiliar,  
ISCTE-IUL

Setembro, 2009

## RESUMO

O presente estudo tem como um dos objectivos replicar alguns trabalhos no âmbito do estudo das vítimas, utilizando os pressupostos da Crença no Mundo Justo (Lerner, 1980) e variáveis como a inocência da vítima e categorização social da mesma, numa situação de sofrimento persistente. Sabe-se que em certas circunstâncias ocorre uma revitimização da vítima, a chamada vitimização secundária. A vitimização secundária ocorre face a vítimas inocentes com um sofrimento persistente e é maior em observadores com uma alta crença no mundo justo do que naqueles que apresentam uma baixa crença no mundo justo (e.g. Correia e Vala, 2003). Também a categorização social da vítima parece ter influência na vitimização secundária (e.g. Correia, Vala e Aguiar, 2007). É propósito principal deste estudo perceber até que ponto a emoção denominada por *schadenfreude* ou prazer malicioso pode assumir uma forma de vitimização secundária, mostrando um comportamento semelhante entre ambas as variáveis. Além disto, este estudo tem como objectivo secundário perceber até que ponto a *schadenfreude* corresponde ao alívio dos participantes face à vítima, por não terem sido alvo da situação de vitimização referida. Os resultados mostraram correlações positivas entre a *schadenfreude* e algumas formas de vitimização secundária, porém esta emoção não mostrou sofrer qualquer influência por parte da crença no mundo justo dos participantes, nem da categorização social da vítima nem da inocência da vítima. Ainda assim, a *schadenfreude* está associada ao alívio, mas de forma negativa. São ainda discutidos outros resultados inesperados.

**PALAVRAS-CHAVE:** crença no mundo justo; categorização social da vítima; inocência da vítima; vitimização secundária; *schadenfreude*; alívio

## ABSTRACT

One of the purposes of this study is to replicate some of the works in the research about victims, using Just-World theory assumptions and some variables like victim's innocence and social categorization of the victim, when the suffering of the victim persists. We know that in some circumstances there is (re)victimizing of the victim, called secondary victimization. The secondary victimization happens to innocent victims with persistent suffering and is higher for those who have a high belief in a just world than for those whose belief in just-world is low (e.g. Correia e Vala, 2003). The victim's social categorization seems also have influence on secondary victimization (e.g. Correia, Vala e Aguiar, 2007). The main goal of this study is to know if *schadenfreude* emotion or malicious pleasure can be a way of secondary victimization, showing a similar behavior between them. Moreover, this study has the secondary purpose to understand if *schadenfreude* is a kind of comparative relief, relate to the fact of the participant had not suffered the misfortune. The results showed some positive correlations between *schadenfreude* and some kinds of secondary victimization, but this emotion does not appear to be influenced by the belief in just world, neither by social categorization of the victim nor victim's innocence. Nevertheless *schadenfreude* is related to relief, but in a negative correlation. Other unexpected results are discussed.

**KEY-WORDS:** belief in a just world; victim's social categorization; victim's innocence; secondary victimization; *schadenfreude*; relief

*Ao meu pai, um homem justo*  
*À minha mãe, pela dedicação para sempre*  
*À Rita, pelo prazer da sua graça*  
*Ao Diogo, pelas (in)justiças de amor*

## AGRADECIMENTOS

A tese é um longo caminho, e esse caminho começou na inteira disponibilidade e acolhimento da Professora Isabel Correia. Agradeço-lhe o lançamento da semente e a sabedoria que me ajudou a caminhar.

Os meus agradecimentos vão também para todos os participantes desta investigação, sobretudo pelos empenhados em colaborar.

Quero agradecer também à Professora Patrícia Arriaga, pelo seu contributo para este caminho e pela disponibilidade e interesse demonstrados.

Aos professores de faculdade que fazem dela um lugar mais familiar e que têm o hábil dom da genialidade, entre eles, António Caetano.

Ao ISCTE, de um modo geral, por ter sido a *minha casa* e um alicerce para o futuro.

Às minhas colegas, e hoje amigas de faculdade, porque foram a coisa mais gira, mais inspiradora e mais preciosa que encontrei no ISCTE. À Cátia, porque esteve sempre. À Rita, porque é genuína e sabe rir. À Carolina, porque vale a pena correr ao lado dela. À Margarida, pela honra da nossa cumplicidade.

A todos os que se dispuseram a distribuir questionários e assim, deram um importante contributo a este estudo. À Cláudia, que nunca se esquece. À Cátia Almeida, por sermos melhores juntas. À Carla, por todos os momentos frenéticos da nossa amizade e por uma outra justiça. À Sílvia, porque é simples de gostar.

Ao André, porque foi o primeiro. Ao Válter, pela harmonia das notas emocionais. À Raquel, porque me refresca a existência.

À minha família, mesmo os que não tive o prazer de conhecer, porque é minha e porque não a escolhia melhor. À Avó, ao Avô, à Tia, ao Tio, à Andreia e ao Filipe.

Ao meu pai, porque não se verga à injustiça, porque é um pensador e porque é meu camarada. À minha mãe, porque ampara a minha existência, porque se ocupa de mim e pela generosidade dos seus gestos. À minha irmã, porque é o meu milagre e pela nossa amizade rara e infantil. Ao Diogo, porque desafia todos os meus pressupostos de justiça, porque não se assusta com a eternidade e porque somos improváveis.

A todos, os que de algum modo, provocaram a minha alma e agitaram o meu coração.

A Deus, por este e outros caminhos.

## ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	
1.1 A teoria da Crença no Mundo Justo.....	1
1.2 A vitimização secundária.....	3
1.3 A inocência da vítima.....	4
1.4 A categorização social da vítima.....	5
1.5 A <i>schadenfreude</i> .....	6
1.6 A presente investigação.....	8
<b>2. MÈTODO</b>	
2.1 Participantes.....	10
2.2 Design.....	11
2.3 Variáveis independentes.....	11
2.3.1 Crença no mundo justo.....	11
2.3.2 Inocência da vítima, categorização social da vítima e persistência do sofrimento da vítima.....	11
2.4 Variáveis dependentes .....	13
2.4.1 Vitimização secundária.....	13
2.4.2 Utilidade Social e Desejabilidade Social.....	13
2.4.3 <i>Schadenfreude</i> .....	14
2.4.4 Alívio.....	14
2.4.5 Desejabilidade Social.....	14
2.5 Questões finais.....	15
2.6 Procedimento.....	15
<b>3. RESULTADOS</b>	
3.1 Controlo da manipulação.....	16
3.2 Análise factorial e consistência interna.....	17
3.3 Correlações entre variáveis.....	19
3.4 Impacto da crença no mundo justo, inocência da vítima e categorização social da vítima na vitimização secundária e na <i>schadenfreude</i> .....	22
<b>4. DISCUSSÃO</b> .....	26
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	32
<b>6. ANEXOS</b> .....	35
<b>7. CURRICULUM VITAE</b> .....	44



## ÍNDICES DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> <i>Loadings</i> da análise factorial das questões de vitimização secundária de Correia (2001).....	19
<b>Quadro 2.</b> Correlações bivariadas e <i>correlações parciais</i> (controlo da desejabilidade social dos participantes) entre algumas das variáveis em estudo.....	23
<b>Quadro 3.</b> Médias e desvios-padrão da variável <i>evitar conversar com a vítima</i> segundo a inocência da vítima e a categorização social.....	25
<b>Quadro 4.</b> Médias e desvios-padrão do merecimento da vítima pela situação segundo a categorização social da vítima e a crença no mundo justo geral.....	26

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1.</b> Gráfico de médias do efeito de interacção da inocência da vítima e da categorização social da vítima na variável <i>evitar conversar com a vítima</i> .....	24
<b>Gráfico 2.</b> Gráfico de médias do efeito de interacção da crença no mundo justo geral e da categorização social da vítima no merecimento da vítima pela situação.....	25

## 1. INTRODUÇÃO

Na convivência diária com centenas de outros seres humanos, é frequente observarmos uma série de acontecimentos das suas vidas, desde os mais felizes aos mais infelizes. Muitas vezes, os mais infelizes geram vítimas. Este estudo surge em busca de uma melhor compreensão das nossas reacções a essas vítimas. Sem negligenciar todo o trabalho feito no campo das vítimas, seguindo os fundamentos da Crença no Mundo Justo (e.g. Hafer e Begué, 2005), teoria também eleita por nós, pretende-se aqui desbravar um pouco mais esse caminho. A ambição aqui presente, é não só a de reafirmar alguns dos conhecimentos já adquiridos sobre as reacções às vítimas, como perceber novas controvérsias em torno daquilo que sentimos face ao *mal* que acontece aos outros, desde o prazer até ao alívio. Por isso, este estudo propõe-se a compreender se existe semelhança entre as várias formas de vitimização secundária (e. g. culpabilização da vítima) e o prazer que sentimos face ao sofrimento de outrem, também chamado de *schadenfreude*. Nesse sentido, procura perceber se a *schadenfreude* pode vir a constituir mais uma forma de revitimizar a vítima, e se a sua expressão é influenciada do mesmo modo que as várias formas de vitimização secundária. Por outro lado, numa perspectiva exploratória, tem como objectivo perceber se esse prazer, decorrente do confronto com o infortúnio dos outros, está relacionado com o alívio por não ter sido o alvo do infortúnio.

### 1.1 A Teoria da Crença no Mundo Justo

Smith, Turner, Garonzik, Leach, Urch-Druskat e Weston (1996) colocam no início de um dos seus artigos, a seguinte frase “Usually, the good things that happen to others please us, and the bad things are upsetting.” (pg. 158). Ao que parece, os indivíduos reagem de forma empática ao sofrimento das vítimas e apesar dessa poder ser a reacção mais típica, não é a que sempre se verifica (e.g. Lerner & Simmons, 1966). Uma das teorias que explica algumas reacções atípicas ao sofrimento de outrem é a teoria da Crença no Mundo Justo (Lerner, 1980). O essencial da Crença no Mundo Justo resume-se na premissa de que “cada um tem o que merece e cada um merece o que tem” (Lerner, 1980). Logo alguém que sofre é alguém que fez algo que causou esse sofrimento e vice-versa. Esta conclusão decorre do conceito definido pela Crença no Mundo Justo, utilizada inicialmente como uma expressão metafórica, acabando por vir a definir um construto psicológico (Lerner, 1997). Enquanto construto psicológico, a Crença no Mundo Justo

é algo que existe em todos nós, mas com diferentes intensidades (Lerner, 1980). Além disso, esta crença parte do pressuposto que o mundo é um lugar justo seguindo uma lógica de causa-efeito, como explica Lerner (1980).

O desenvolvimento desta crença está assente nas experiências passadas (associações entre acontecimentos, por exemplo), nos valores religiosos e morais (acentuando o sentido do merecimento), na conduta social e até nas características cognitivas (categorização através da separação entre o *bom* e o *mau*), tal como refere Lerner (1980). Mas acreditar num mundo justo não é algo poético ou abstracto, é uma necessidade humana (Lerner & Simmons, 1966) e é algo funcional (Lerner, 1980), com implicações diversas. Acreditar que o mundo é justo coloca-nos numa posição de invulnerabilidade à injustiça, logo o sofrimento não é algo aleatório e como tal “o mal acontece sobretudo aos outros”, aos que fazem por isso, a chamada ilusão de invulnerabilidade (Weinstein, 1980). Mais que isso, esta crença dá sentido à existência humana, promovendo uma relação entre o que faço e o que recebo e justificando o investimento no futuro (Lerner, 1965b; Lerner & Simons, 1966 citado por Correia, 2001).

Através da criação de escalas para a medição deste constructo, os autores Dalbert, Montada e Schmitt (1987) com a Crença no Mundo Justo Geral e depois Dalbert (1999) com a Crença no Mundo Justo Pessoal, vieram a distinguir dois modos diferentes de acreditar num mundo justo, um que remete para um mundo enquanto um lugar justo e outro que se foca na justiça dos acontecimentos da vida pessoal. Isto é, aquilo que acontece, em geral e aquilo que me acontece a mim, em particular. Estas duas vertentes da Crença no Mundo Justo lidam então com diferentes funções e consequências na realidade humana. Seguindo esse pressuposto, a Crença no Mundo Justo Pessoal é melhor predictor da saúde mental (Dalbert, 1999) e do bem-estar (Correia & Dalbert, 2007) do que a Crença no Mundo Justo Geral. Além disso, a Crença no Mundo Justo Geral está positivamente relacionada com a disposição para ter comportamentos antisociais (Sutton & Winnard, 2007) e atitudes severas para com outros (e.g. Bégue & Bastounis, 2003, citado por Sutton & Winnard, 2007) enquanto que a Crença no Mundo Justo Pessoal se relaciona positivamente com a confiança em concretizar objectivos legítimos e negativamente com intenções delinquentes (Sutton & Winnard, 2007). A Crença no Mundo Justo Pessoal está ainda associada positivamente à percepção do próprio ser tratado de forma justa pelos outros e negativamente à probabilidade de ter comportamentos de bullying para com os outros (Correia & Dalbert, 2008). Também a respeito do bullying, Correia, Kamble e Dalbert (2009), num estudo

com estudantes portugueses e indianos, mostraram que quanto maior a crença no mundo justo pessoal, menor o mal-estar<sup>1</sup> sentida por estes na escola, ou seja, a crença actua como protectora do bem-estar. Dado que este estudo se refere às reacções a vítimas, e não às reacções do próprio face a si mesmo (enquanto vítima) e por tudo aquilo que foi referido, será mais pertinente a utilização da Crença no Mundo Justo Geral nesta investigação.

## 1.2 A vitimização secundária

Coloca-se então o desafio de manter esta crença num mundo que, às vezes, é injusto tal como lembra Lerner (1980, pg.18) “It would take a complete fool or naive not to recognize that deserving or justice have nothing to do with what happens to people.”. Esse desafio exige que se encontrem estratégias para lidar com a injustiça. Essas estratégias passam por delegar a responsabilidade de repor a justiça aos organismos criados para esse efeito (e.g. instituições de solidariedade social); o afastamento das situações injustas numa lógica de que “se não vejo, talvez não exista ou pelo menos talvez não me incomode” ou ainda reinterpretando a injustiça, quer modificando a causa, quer atribuindo isso à personalidade da vítima ou ao seu estatuto social (Lerner, 1980). Esta última estratégia está associada àquilo a que se chama vitimização secundária (Brickman, Rabinowitz, Karuza, Coates, Cohn & Kidder, 1982), que pode partir do próprio face a si (e.g. Bulman & Wortman, 1977) ou face aos outros (e. g. Lerner, 1971) e comporta a culpabilização da vítima, a evitação da vítima, a desvalorização da vítima e a minimização do seu sofrimento (Lerner 1980). As várias variantes da vitimização secundária são meios de repor a justiça, que constituem reacções ao sofrimento de outrem.

Se abirmos horizontes, poder-se-á vislumbrar numa série de comportamentos, formas de vitimização secundária. Sobretudo se usarmos como requisito qualquer comportamento que revitimiza aquela que é já uma vítima. Note-se, Alves e Correia (2008) provaram existir um cariz normativo da expressão da crença do mundo justo, quer a pessoal, quer a geral. Esse estudo mostrou que uma imagem positiva, no sentido em que é socialmente valorizada, está associada a pontuações mais altas nas escalas de crença no mundo justo e o inverso acontece também. Nessa linha de raciocínio, Alves e Correia (in press) constatou também que pontuações elevadas para a crença no mundo justo geral e pessoal, estão associadas a uma maior atribuição de utilidade social aos alvos que as expressam, do que quando estes alvos apresentam valores baixos nas

---

<sup>1</sup> O termo inglês utilizado no artigo é *distress*

escalas. Isso é igualmente válido para a desejabilidade social, na presença de pontuações moderadas ou elevadas, mas apenas na escala para a crença no mundo justo pessoal (Alves & Correia, in press). Convém referir ainda que a utilidade social é definida enquanto aquilo que é necessário para se ter sucesso, ao passo que a desejabilidade social se debruça sobre o que é necessário para se ser *alguém de quem se gosta*<sup>2</sup> (Cambon, 2006 citado por Alves & Correia, in press). Perante estas assumpções, acreditar no mundo justo apresenta-se como algo normativo, o que nos leva a pensar que uma situação que não cumpre as exigências desta crença, é uma situação anti-normativa. Tendo em conta esse princípio, é provável que uma vítima, enquanto produto de uma situação que rompe com os pressupostos da crença no mundo justo, seja desvalorizada ao nível da utilidade social e da desejabilidade social, e que por sua vez, isso constitua mais uma forma de vitimização secundária.

### 1.3 A inocência da vítima

Alguns autores têm demonstrado que uma vítima inocente está mais vulnerável à vitimização secundária para aqueles que têm uma forte crença no mundo justo (Correia, 2001; Correia & Vala, 2003). Lerner (1980, p.40) define uma vítima inocente como alguém que “having done nothing stupid or careless to merit this suffering”, ou seja, alguém que não teve qualquer controlo sobre a situação que a vitimizou. Por exemplo, a premissa de que "cada um tem o que merece e vice-versa" é muito mais questionável quando alguém é despedido, mesmo sendo um colaborador cumpridor e dedicado, do que quando esse mesmo indivíduo não se preocupa em chegar todos os dias atrasado e não cumpre os prazos para o seu trabalho. Em ambos os casos, esse trabalhador será uma vítima, mas só tendo feito tudo ao seu alcance para se manter no seu posto de trabalho e ainda assim ser despedido, só aí será uma vítima inocente. Esta tendência para reagirmos negativamente a vítimas inocentes foi explicada nos estudos de Carolyn Hafer (2000), através de um método inovador desenvolvido pela mesma (Hafer, 2000): o Stroop, que mede de forma implícita a ameaça de uma vítima inocente. Com estes estudos, Hafer (2000) provou que a tendência de rejeitarmos vítimas inocentes tem subjacente uma ameaça à consistência da crença no mundo justo, o que até esse momento era sobretudo uma especulação. Para isso, baseou-se nos tempos de latência dos sujeitos face ao reconhecimento de cores de palavras relacionadas com justiça versus palavras neutras e numa situação em que a justiça foi reposta versus situação em

---

<sup>2</sup> O termo inglês utilizado no artigo é *likable*

que não foi.<sup>3</sup> Tal como esperava, a autora concluiu que uma maior ameaça à crença no mundo justo está associada a uma maior dissociação entre o observador e a vítima e a uma maior depreciação desta última. Além disso, esta associação foi moderada pela reposição da justiça.

Apesar da referida importância da inocência da vítima para existir uma ameaça, decorrente do não cumprimento do princípio da justiça, esta variável tem sido descuidada nos estudos sobre crença no mundo justo, como sugere Correia e Vala (2003).

Ainda a propósito da vitimização secundária, Lerner (1980) realça que esta ocorre, por vezes, fruto da impossibilidade de ajudar efectivamente a vítima (pela ausência de contacto com a mesma, pela impossibilidade de recursos para minimizar o seu sofrimento ou ainda porque o sofrimento causado pela vitimização é duradouro ou mesmo “para sempre”). Assim a vitimização secundária surge como uma alternativa, quando esgotadas outras formas de reestabelecer a justiça. Um dos obstáculos para a reposição da justiça é a existência de um sofrimento que nunca terá fim. Como mostram Correia (2001) e Correia e Vala (2003), a persistência do sofrimento é uma agravante à ameaça à crença no mundo justo, já que isso cria a impossibilidade de reposição da justiça. Deste modo, uma vítima que é inocente e está cumulativamente sujeita a uma forma de sofrimento irreversível, é uma vítima ainda mais ameaçadora.

#### **1.4 A categorização social da vítima**

Lerner (1980) refere que uma outra estratégia utilizada pelos indivíduos para conviverem com a injustiça e em simultâneo, manterem a sua crença no mundo justo, tem que ver com a percepção de que a injustiça é algo inevitável para certos indivíduos ou grupos (e.g. grupo dos pobres). Obviamente que esta estratégia reside na percepção que esses indivíduos ou grupos estão para lá da realidade do próprio, e como tal, não são vítimas do *seu mundo* (Lerner, 1980). Lerner e Novak (1968) demonstraram esta tendência de nos considerarmos diferentes de pessoas que foram alvo de um infortúnio, mesmo que nada tenham feito para isso. Nesse estudo, os indivíduos consideravam-se sempre mais dissimilares de uma vítima de doença mental do que de um indivíduo *normal*, independentemente de estarem na condição de similaridade com a vítima. Mais que isso, os participantes deste estudo revelaram estar mais dispostos a interagir com um doente mental que lhe é dissimilar do que com um similar, contrariando os princípios da atracção

---

<sup>3</sup> A reposição da justiça tinha que ver com a penalização dos causadores da injustiça, neste caso os responsáveis pelo assalto de que tinha sido alvo a vítima do estudo.

entre pessoas semelhantes (Lerner & Novak, 1968). Parece existir um agravamento da ameaça à manutenção da crença, quando está em causa uma vítima que pertence à nossa realidade ou ao nosso *grupo*. Tajfel (1978) suporta esta ideia, quando fala em identidade social, já que explica que a identidade social, decorrente da pertença a um grupo, é uma parte da identidade individual, que *situa* o indivíduo na sociedade, através da categorização social. Logo, quando um elemento de um grupo a que o próprio pertence é colocado numa situação de vitimização, o próprio está a ser indirectamente ameaçado, enquanto alguém que partilha com a vítima a pertença a esse grupo. A este propósito, Correia, Vala e Aguiar (2007) utilizaram a história de uma criança de etnia cigana versus portuguesa que acidentalmente sofre um choque num cabo eléctrico e perde os membros superiores. A ameaça desta crença foi medida implicitamente em participantes de etnia portuguesa, através do já referido Stroop, e concluiu-se que uma vítima do endogrupo (a criança portuguesa) constitui uma maior ameaça comparativamente a uma vítima do exogrupo (criança de etnia cigana). Contudo, isso não se traduziu numa maior vitimização secundária da vítima mais ameaçadora (a criança portuguesa), prevalecendo o efeito de favoritismo pelo endogrupo (Tajfel, 1978). Também Aguiar, Vala, Correia e Pereira (2008) chegaram a semelhantes conclusões.

### 1.5 A Schadenfreude

À semelhança da vitimização secundária, uma outra reacção ao infortúnio tem sido recentemente estudada: a *schadenfreude*. *Schadenfreude* é um termo alemão resultante da combinação da palavra *Schaden*, que em português se traduz por dano, tristeza e da palavra *Freude*, cuja tradução portuguesa é alegria, prazer, satisfação, etc<sup>4</sup>. Em português, poderá traduzir-se este termo por prazer malicioso; o rejubilar pela tristeza de outrem (Melnick, 2002). Apesar da dificuldade em encontrar na língua portuguesa uma palavra equivalente, o seu conteúdo não deixa de ser familiar e até antigo, rementendo a grandes pensadores como Schopenhauer, Kant, Nietzsche, entre outros (Portman, 2008; Leach, Spears, Branscombe & Doosje, 2003). *Schadenfreude* não se trata do prazer por causar sofrimento ao outro, é o prazer por observar esse sofrimento (Nietzsche 1887, 1967 citado por Leach, Spears, Branscombe & Doosje, 2003), é o contentamento malicioso pelo infortúnio dos outros (Goodman, 2007). É uma emoção típica do observador, numa peça em que este não actua.

---

<sup>4</sup> In Langenscheidts Eurowörterbuch Portugiesisch, 1ª. ed.. Lisboa, Editorial Presença, 1997, pgs. 196-197

O estudo da *schadenfreude* tem sido inserido no campo da inveja (Brighman, Kelso & Smith, 1997; Feather & Nairn, 2005; Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga & Nieweg, 2005; Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga, Nieweg & Gallucci, 2006). Os estudos têm apontado a inveja enquanto antecedente da *schadenfreude* ou correlacionada com a mesma, apesar de existirem alguns resultados contraditórios a este respeito (Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga, Nieweg & Gallucci, 2006). Ainda assim, tem sido demonstrado que os alvos invejados/superiores, quando vivenciam uma situação de infortúnio, são os mais vulneráveis ao prazer malicioso (e.g. Brigham, Kelso & Smith, 1997; Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga & Nieweg, 2005; Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga, Nieweg & Gallucci, 2006). Os alvos são frequentemente indivíduos de sucesso, cujos desempenhos estão acima da média, muitas vezes denominados por *tall-poppies* (Feather & Sherman, 2002). A simples comparação (quer seja implícita ou explícita) entre o alvo do infortúnio e o observador, em que o primeiro é superior, é o bastante para se criar uma situação de inveja e conseqüentemente, se expressar *schadenfreude*. Assim, a comparação funciona como uma ameaça ao valor do observador e a Schadenfreude emerge como uma espécie de vingança imaginária (Nietzsche, 1887, 1967 citado por Leach, Spears, Branscombe & Doosje, 2003). A relevância que o domínio em que o alvo é bem sucedido tem para o observador, é também um importante factor para explicar a *schadenfreude* (Leach, Spears, Branscombe & Doosje, 2003; Tesser, Milar & Moore, 1988). Segundo Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga, Nieweg & Gallucci (2006), “Greater interest in the domain increases the self-relevance of others’ performance within the domain”. Já Tesser, Milar e Moore (1988) haviam mostrado num estudo que quando alguém tem um desempenho melhor que o participante, quanto mais próxima do próprio for a pessoa com melhor desempenho, maior será a ameaça, quando se trata de uma tarefa relevante para o próprio. Estes factos ajudam a explicar o estudo da *Schadenfreude* enquanto emoção resultante de uma situação de competição, independentemente de existir inveja pelo alvo (Hareli & Weiner, 2000). Também Leach, Spears, Branscombe & Doosje (2003), mostraram que a expressão de Schadenfreude acontece entre grupos rivais de futebol, e está associada ao interesse do observador no domínio (neste caso, o futebol). Nesse estudo conclui-se ainda que quando está presente a norma da honestidade e da expressão directa, a *schadenfreude* é inibida face a um grupo rival cuja superioridade é legítima.

Isso abre caminho para uma outra variável comumente abordada na literatura sobre *schadenfreude*: o merecimento. Esta variável tem assumido especial destaque nesta área, tanto ao



nível do merecimento do alvo pelo seu sucesso e estatuto (Feather, 2008; Goslinga, Van Dijk & Hoek, 2000), do merecimento do observador pelo seu estatuto (Feather & Nairn, 2005), como ainda ao nível do merecimento do alvo pela situação de infortúnio ou da responsabilidade do próprio pela mesma (Brigham, Kelso & Smith, 1997; Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga e Nieweg, 2005; Van Dijk, Goslinga & Ouwerkerk, 2008). Esta variável está intimamente ligada às percepções de justiça. Segundo Feather (1999), o conceito de merecimento é fundamental para se perceber as reacções afectivas aos *outcomes* do próprio e dos outros. Este conceito centra-se sobretudo nos resultados, mais do que nos processos. Note-se, merecer é mais que ter direito a, merecer reporta-se à conduta do indivíduo, ao valor moral das suas acções, às variáveis internas (Feather, 1999). O autor realça também que merecer é diferente de *ser responsável por*, já que a responsabilidade foca-se sobretudo na causalidade dos comportamentos do indivíduo e respectivos resultados, enquanto *produtor da acção*, por outro lado, o merecimento tem em conta, além da responsabilidade, outros aspectos como as características pessoais do indivíduo, as normas, os valores, as ideologias, etc (Feather, 1999). Nesse sentido, alguns estudos têm demonstrado que a expressão de Schadenfreude é maior para aqueles que são alvo de um sofrimento merecido (Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga e Nieweg, 2005) ou para aqueles que têm uma condição de sucesso ou estatuto não merecido (Feather & Nairn, 2005; Goslinga, Van Dijk & Hoek, 2000). Porém, alguns autores colocam de parte a questão do merecimento, mostrando que o prazer pelo sofrimento de outrem pode ser independente das condições de merecimento (Brigham, Kelso & Smith, 1997; Moran & Schweitzer, 2008).

### **1.6 A presente investigação**

De qualquer modo, quer a vitimização secundária, quer a *schadenfreude*, traduzem-se numa revitimização de um indivíduo, acrescentando sofrimento a alguém que foi já sujeito a algum tipo de sofrimento anterior. Dado isto, parece lógico que há um paralelismo da *schadenfreude* com a vitimização secundária, na medida, em que se tratam de reacções negativas face a vítimas, onde a empatia face ao sofrimento do outro, é substituída por uma depreciação da vítima e/ou do seu sofrimento, e até mesmo por prazer. Além disso, estas duas variáveis têm implícitas preocupações de justiça. No caso da *schadenfreude*, tem sido estudado o merecimento da vítima face à situação de infortúnio enquanto que no campo da crença do mundo justo, a vitimização secundária tem sido relacionado com o grau de inocência da vítima. Em ambos os casos, estão

presentes preocupações de justiça, ainda que em alguns estudos que abordam a *schadenfreude*, esta se direcione para indivíduos que contribuíram (pelo menos em parte) para o seu infortúnio, na vitimização secundária a inocência da vítima pode conduzir aos mais altos valores da variável quando combinado com uma elevada crença no mundo justo geral por parte do observador. Nestes casos a expressão de vitimização secundária e a de *schadenfreude* tomam direcções opostas, contudo, sabe-se também que sentir prazer pelo sofrimento de alguém, nem sempre implica que essa pessoa seja responsável ou merecedora desse sofrimento. É também nesse sentido que a *schadenfreude* pode ocorrer face a uma vítima inocente, tal como a vitimização secundária.

Por tudo isto, parece de enorme pertinência perceber se a *schadenfreude* não poderá constituir mais uma estratégia para lidar com a injustiça, como que se tratasse de mais uma forma de vitimização secundária. Assim, o cariz inovador deste estudo reside no facto de aqui se proceder à inclusão destas duas variáveis num mesmo estudo, tratando-as como iguais no seu comportamento. Isso será feito à luz do conhecimento estabelecido pela crença no mundo justo, o que nunca aconteceu até aqui. Apenas Van Dijk, Goslinga e Ouwerkerk (2008) sugeriram num estudo que o futuro da investigação sobre *schadenfreude* devesse enveredar pela averiguação das relações desta emoção com a responsabilidade e crença no mundo justo. É desconhecida até ao momento, a relação desta variável com a crença do mundo justo e a vitimização secundária, pelo que o objectivo deste estudo passa por perceber se a *schadenfreude* é equivalente a uma forma de vitimização secundária, esperando que esta variável assumira semelhante comportamento. Como tal, pretende-se conhecer o impacto da crença no mundo justo do observador, da inocência da vítima e da categorização social da vítima na *schadenfreude* e na vitimização secundária. Perante isto, hipotetiza-se que:

Hipótese 1: Os participantes com alta CMJ vitimizarão mais secundariamente a vítima, comparativamente aos participantes com baixa CMJ. (efeito principal da CMJ na vitimização secundária)

Hipótese 2: A vítima não inocente será mais secundariamente vitimizada do que a vítima inocente. (efeito principal da inocência da vítima na vitimização secundária)

Hipótese 3: A vítima inocente será mais secundariamente vitimizada pelo participantes com alta CMJ do que pelos participantes com baixa CMJ, enquanto que a vítima não-inocente será

igualmente vitimizada pelos participantes com alta CMJ e baixa CMJ (efeito de interacção da CMJ e da inocência da vítima na vitimização secundária)

Hipótese 4: A vítima inocente, pertencente ao grupo do participante (estudante) será mais secundariamente vitimizada pelos participantes com alta CMJ do que pelos participantes com baixa CMJ, enquanto que em todos os outros casos, a vítima será igualmente vitimizada pelos participantes com baixa CMJ e alta CMJ (efeito de interacção de terceira ordem da inocência da vítima, da categorização social e da CMJ na vitimização secundária). Esta hipótese decorre dos estudos de Aguiar, Vala, Correia & Pereira (2008) e Correia, Vala & Aguiar, (2007), porém, nos mesmos foi utilizado o Stroop (Hafer, 2000). Uma vez que se trata de uma medida não obstrutiva, os resultados podem não manter-se no presente estudo (que usa medidas explícitas), pelo que é uma hipótese com algum cariz exploratório.

Hipótese 5: Os participantes com alta CMJ expressarão mais Schadenfreude, comparativamente aos participantes com baixa CMJ. (efeito principal da CMJ na *schadenfreude*)

Hipótese 6: A vítima não inocente será maior alvo de *schadenfreude* do que a vítima inocente. (efeito principal da inocência da vítima na *schadenfreude*)

Hipótese 7: A vítima inocente será maior alvo de *schadenfreude* pelos participantes com alta CMJ do que pelos participantes com baixa CMJ, enquanto que face à vítima não inocente não haverá diferenças na expressão de Schadenfreude entre os participantes com alta CMJ e baixa CMJ. (efeito de interacção da CMJ e da inocência da vítima na *schadenfreude*)

Hipótese 8: A vítima inocente, pertence ao grupo do participante (estudante) será maior alvo de *schadenfreude* pelos participantes com alta CMJ do que pelos participantes com baixa CMJ, enquanto que em todos os outros casos, não haverá diferenças na expressão de *schadenfreude* face à vítima pelos participantes com baixa CMJ e alta CMJ (efeito de interacção de terceira ordem da inocência da vítima, da categorização social e da CMJ na Schadenfreude)

Além disto, um objectivo secundário e exploratório deste estudo é perceber se a *schadenfreude* está associada ao alívio (perceber se existe uma correlação positiva entre a *schadenfreude* e o alívio). Isto é, perceber se o prazer pelo infortúnio de alguém, está relacionado com o alívio por esse infortúnio não nos ter acontecido a nós próprios.

## 2. MÉTODO

### 2.1 Participantes

Este estudo contou com 108 participantes<sup>5</sup>, dos quais, 71.3 % do sexo feminino e 29.7% do sexo masculino. As suas idades variam entre 18 e 31 anos, com uma média a rondar os 21 anos ( $M = 20.6$ ,  $DP = 2.02$ ). Todos os participantes são estudantes universitários e apenas 5 deles são trabalhadores-estudantes. Os participantes distribuem-se maioritariamente pelos cursos de Sociologia (23.1%), Gestão de Informação (13 %) e Ortoprotesia (12 %) e são alunos de vários estabelecimentos de ensino, com destaque para o Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa (44.4%).

## 2.2 Design

Este é um estudo inter-sujeitos, com um design de 2 (inocência da vítima: não inocente versus inocente) X 2 (crença no mundo justo: alta versus baixa) X 2 (categorização social: estudante versus trabalhador).

## 2.3 Variáveis independentes

### 2.3.1 Crença no mundo Justo

A crença no mundo justo geral não é uma variável sujeita a manipulação, é uma variável medida, contudo, teoricamente é considerada uma variável independente. A sua medição foi realizada através da Escala de Crença no Mundo Justo Geral de Dalbert, Montada e Schmitt (1987), respondida numa escala de 6 pontos, em que 1 corresponde a *Discordo completamente* e 6 a *Concordo completamente*. Os itens da escala estavam misturados com seis itens distractores criados por nós. Para a Crença no Mundo Justo Geral, os itens da escala eram “Basicamente, o mundo em que vivemos é justo”; “As injustiças em todas as áreas da vida (por exemplo, profissão, família, política) constituem uma excepção à regra”; “Ao longo da vida as pessoas acabam por ser compensadas pelas injustiças sofridas” ; “De uma maneira geral, as pessoas merecem aquilo que lhes acontece”; “A justiça vence sempre a injustiça” e “As pessoas tentam ser justas quando tomam decisões importantes”.

### 2.3.2 Inocência da vítima, categorização social da vítima e persistência do sofrimento da vítima

---

<sup>5</sup> O número de sujeitos varia ligeiramente ao longo das análises estatísticas devido ao número de questões não respondidas.

Tal como Lodewijkx, Wildschut, Nijstad, Savenije & Smit (2001), optou-se por utilizar uma suposta notícia de jornal para descrever a situação de vitimização. No presente estudo, a segunda parte do questionário começava por informar os participantes que lhes iria ser apresentado um excerto de um jornal diário com uma notícia de um assalto à mão armada. Porém, o nome e sexo da pessoa que fora alvo do assalto teriam sido apagados para preservar o anonimato da mesma, sendo substituídos por um *X* no caso do nome ou por *o (a)* no caso das palavras que pudessem indicar o sexo do alvo do assalto. A notícia era apresentada num formato de texto normal e não como um recorte de jornal. Começava então por se ler o título da notícia: “Assalto à mão armada”, seguido pela descrição do assalto.

A descrição começava por “No dia 17 de Setembro de 2008, *X* voltou a casa de automóvel”. A fim de manipular a categorização social da vítima, a descrição continuava com “depois de mais um dia no escritório onde trabalhava.” Para o caso de uma vítima do exogrupo (um trabalhador) ou com “depois de ter passado a tarde na universidade que frequentava a realizar um trabalho para uma disciplina” para uma vítima do endogrupo (um estudante).

Logo de seguida, era manipulada a inocência da vítima. Para uma vítima inocente, a descrição continuava com “A estrada por onde ia era uma estrada com muito movimento e bem iluminada, que *X* utilizou para se sentir mais seguro até casa. “, enquanto que para uma vítima não inocente isto era substituído por “A estrada por onde ia era uma estrada com pouco movimento e mal iluminada, que *X* utilizou para encurtar o caminho até casa”. A notícia continuava com “De repente, enquanto parou para fazer uma curva mais apertada, entraram no seu veículo três pessoas”. Depois dessa frase, comum a todas as condições, a inocência da vítima era manipulada novamente. No caso da vítima inocente, a descrição do assalto mencionava que “O veículo tinha as portas trancadas, a entrada foi feita partindo um vidro e destrancando uma das portas traseiras”, enquanto que no caso da vítima não inocente podia ler-se que “O veículo tinha as portas destrancadas, a entrada foi feita abrindo uma das portas traseiras”.

O restante texto era comum a todas as condições e continuava do seguinte modo: “É nesse momento que é apontada uma arma de fogo à cabeça de *X* e é colocado pelas três pessoas na bagageira. O carro foi conduzido por cerca de duas horas. Ao fim desse tempo, o carro foi estacionado e abandonado pelas três pessoas. Porém, duas delas voltaram ao lugar passados alguns minutos. Discutiram sobre que destino dar a *X*, falando na possibilidade do homicídio, enquanto *X* ouvia toda a conversa. Algum tempo depois, retiraram *X* da bagageira, entregaram-

lhe as chaves e disseram-lhe que estava safo (a) porque se tinha portado bem. X entrou depois na viatura e reparou que algumas partes no seu interior estavam completamente danificadas e que a sua carteira, os seus documentos e um relógio de pulso haviam desaparecido. X já recebeu os devidos cuidados de saúde, contudo, o psicólogo que o(a) assistiu afirmou que X terá mazelas psicológicas para toda a vida. A polícia está neste momento a investigar o caso”.

Relativamente à variável persistência do sofrimento da vítima, uma vez que se trata de uma variável controlada, é comum a todas as condições do estudo e foi operacionalizada através da afirmação já acima referida: “ X já recebeu os devidos cuidados de saúde, contudo, o psicólogo que o(a) assistiu afirmou que X terá mazelas psicológicas para toda a vida ”

## **2.4 Variáveis dependentes**

### **2.4.1 Vitimização secundária**

A vitimização secundária foi medida através de 9 itens da autoria de Correia (2001). Os sujeitos deveriam responder com base na notícia e na impressão com que tinham ficado de X. Os itens eram “Em que medida X é responsável pelo assalto?”, com uma escala de resposta de seis pontos, em que 1 correspondia a *Nada responsável* e 6 a *Totalmente responsável*; “X podia ter evitado o assalto?” com uma escala de resposta de seis pontos, em que 1 correspondia a *Não, de modo algum* e 6 a *Sim, completamente*; “ Em que medida X é culpado pelo assalto de que foi alvo?”, com uma escala de resposta de seis pontos, em que 1 correspondia a *Nada culpado* e 6 a *Totalmente culpado*; “Como caracterizaria a situação em que X se encontra?”, com uma escala de resposta de seis pontos, em que 1 correspondia a *Completamente injusta* e 6 a *Completamente justa*; “X merece o que lhe aconteceu” e “X tem sofrido muito”, ambos com uma escala de resposta de seis pontos, em que 1 correspondia a *Concordo completamente* e 6 a *Discordo Completamente*; “Se conhecesse X estaria disposto a conversar com ele(a)?”, “Iria a uma festa onde X estivesse presente?” e “Se fosse amigo de X estaria disposto a continuar a sê-lo quando soubesse que ele(a) tinha sido alvo de um assalto?”, todos eles com uma escala de resposta de seis pontos, em que 1 correspondia a *Não, de modo nenhum* e 6 a *Sim, certamente*.

### **2.4.2 Utilidade Social e Desejabilidade Social**

Neste estudo, optou-se por integrar os adjetivos utilizados por Alves e Correia (in press). Pedia-se aos participantes que respondessem em que grau consideravam para cada um de quinze adjetivos caracterizavam X, numa escala de 6 pontos, em que 1 significava *Nada* e 6 significava *Muitíssimo*. Como tal, utilizamos os adjetivos “Competente”, “Confiante”, “Competitivo”, “Independente”, “Trabalhador”, “Inteligente”, “Determinado” e “Responsável” para medir a utilidade social e os adjetivos “de quem se gosta”, “Prestável”, “Sincero”, “Bem-educado”, “Boa pessoa” e “Tolerante” para medir a desejabilidade social. Assim, através destes indicadores, construímos mais duas medidas de caracterização da vítima, assumindo que caracterizar a vítima como *socialmente útil* e *socialmente desejável* é positivo. Perante isso, o inverso poderá constituir uma forma de vitimização secundária.

### **2.4.3 Schadenfreude**

Para proceder à medição da *schadenfreude*, adoptou-se neste estudo a Escala desenvolvida por Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga, Nieweg & Gallucci (2006). Esta escala é composta por 5 itens e nesta investigação foi utilizada com uma escala de resposta de 6 pontos, em que 1 corresponde a *Discordo completamente* e 6 corresponde a *Concordo completamente*. Uma vez que não tivemos acesso a esta escala traduzida para português, optou-se por proceder à tradução da mesma. Assim, os itens originais eram “What happened gives me satisfaction”; “I like what happened to (...)”; “I couldn’t resist to smile a little”; “Actually I had to laugh a little” e “I feel Schadenfreude”, que foram traduzidos para “O que aconteceu dá-me alguma satisfação”; “Gostei do que aconteceu a X”; “Não consegui resistir a sorrir um pouco”; “Tive mesmo que me rir um pouco e “Sinto prazer malicioso”, respectivamente.

### **2.4.4 Alívio**

O alívio foi medido através de quatro itens desenvolvidos para esse efeito. Os itens criados pretendiam medir o alívio do participante comparativamente ao alvo da vitimização. Criei então os seguintes itens: “Sinto-me aliviado(a) por pensar que não fui eu o alvo do assalto”, “Comparo-me a ele(a) e tenho uma sensação de alívio”, “Penso como é bom nunca me ter acontecido nada semelhante e “Sinto-me privilegiado(a) por não ser eu no carro naquele dia.”

### **2.4.5 Desejabilidade Social**

A desejabilidade social foi medida através da escala de Crowne e Marlowe (1960). A inclusão desta variável, no presente estudo, tem que ver com o cariz explícito de alguns itens da escala de medição de *schadenfreude* (e.g. “Gostei do que aconteceu a X”) de Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga, Nieweg & Gallucci (2006), como tal, considerou-se pertinente salvaguardar que havendo uma fraca expressão de *schadenfreude*, isso não se deveria à tendência dos sujeitos serem socialmente correctos nas suas respostas. A escala de Crowne e Marlowe (1960) conta com um total de 33 itens, escritos originalmente na língua inglesa. Assim, optou-se mais uma vez por proceder à tradução dos mesmos para a língua portuguesa. Os itens originais e a respectiva tradução encontram-se em anexo. A cada uma dessas afirmações os participantes eram solicitados a colocar com um “V” para verdadeiro e um “F” para falso, tendo em conta as suas atitudes e comportamentos.

## **2.5 Questões finais**

No final do questionário, os participantes encontravam três questões. A primeira era “Para percebermos a capacidade de memorização deste artigo, gostaríamos de saber, de acordo com o que leu no mesmo, se o carro antes de ser atacado tinha:” e os sujeitos deveriam optar por “portas trancadas” ou “portas destrancadas”. Esta questão tinha como propósito fazer o controlo da manipulação da inocência. A segunda questão colocada era “Já foi alvo de um assalto semelhante ao descrito no artigo de jornal?” e o sujeito poderia responder “sim” ou “não”. Com esta pergunta procurava-se saber se o participante partilhava ou não uma situação semelhante a do alvo do assalto, uma vez que isso poderia enviesar os resultados. A última questão era “Tem carta de condução?” e mais uma vez, o sujeito poderia responder “sim” ou “não”. O objectivo desta questão era perceber a realidade da ameaça criada pela descrição da situação da vitimização, uma vez que o alvo do assalto conduzia um carro, aquando do ocorrido.

## **2.6 Procedimento**

Os participantes deste estudo foram convidados a responder a um questionário no âmbito de um suposto estudo sobre a avaliação de artigos de jornais. O questionário começava com um pequeno texto, onde se agradecia aos sujeitos a sua disponibilidade para integrar o estudo e onde lhes era solicitado que respondessem com sinceridade. Foi também garantido o anonimato das suas respostas. Depois disto, o questionário incluía o preenchimento de alguns dados pessoais:



sexo, idade, habilitações, actividade profissional, curso e estabelecimento. Seguidamente, os participantes davam início à primeira parte do questionário. Nesta primeira parte, os participantes eram solicitados a mostrar o seu grau de concordância com afirmações, com o propósito de uma alegada validação de uma escala, no âmbito de um outro estudo. De facto, as 12 afirmações tratavam-se da medição da variável independente crença no mundo justo geral (Dalbert, Montada e Schmitt, 1987) e de 6 itens distractores. Ainda a propósito da suposta validação de uma escala, os participantes eram solicitados a responder “verdadeiro” ou “falso” face a 33 afirmações, consoante se aplicassem ou não a eles próprios. Esta era de facto a escala de desejabilidade social de Marlowe e Crowne (1960).

Posto isto, começava a segunda parte do questionário. Esta parte começava com a notícia do assalto à mão armada. Esta notícia estava sujeita às manipulações já descritas, consoante a condição em que se encontrava o participante, num total de quatro. Seguidamente os sujeitos eram convidados a responder a algumas questões gerais sobre o artigo de jornal que haviam lido. Estas questões eram apenas distractoras do verdadeiro propósito do estudo, reforçando a ideia que se tratava de uma investigação sobre a avaliação de artigo de jornais. Depois disso, pedia-se aos participantes que respondessem a 9 itens, com base na notícia e impressão que ficaram do alvo do assalto. Estes itens correspondiam aos itens de Correia (2001) para a medição da vitimização secundária. A isso seguia-se a caracterização de X, face a um total de 15 adjectivos, da autoria de Alves (2008), cujo propósito era a medição da desejabilidade social e da utilidade social avaliada pelos participantes, face ao alvo do assalto. De seguida, solicitava-se que os sujeitos dessem a conhecer as suas reacções face ao que acontecera a X. Era neste momento que os participantes respondiam aos 5 itens para a medição da *schadenfreude* e aos 4 itens para a medição do alívio, que se encontravam misturados. Por fim, eram colocadas aos sujeitos três questões, uma relativa ao controlo da manipulação, outra relativa à experiência do participante enquanto alvo de um assalto semelhante e outra relativa a posse de carta de condução pelo participante.

### **3. RESULTADOS**

#### **3.1 Controlo da manipulação**

Relativamente ao controlo da manipulação, este foi feito para a variável inocência da vítima, através da questão “Para percebermos a capacidade de memorização deste artigo, gostaríamos de

saber, de acordo com o que leu no mesmo, se o carro antes de ser atacado tinha”, à qual os participantes deveriam assinalar a opção “portas trancadas” na condição de vítima inocente e a opção “portas destrancadas” para a condição de vítima não inocente. Segundo esse pressuposto, cinco sujeitos erraram a manipulação e um não respondeu, o que soma um total de 6 sujeitos excluídos. Além destes, foram igualmente excluídos todos os sujeitos que eram trabalhadores-estudantes, por se integrarem tanto no endogrupo (estudante) como no exogrupo (trabalhador) da vítima, o que impossibilitaria o teste de algumas hipóteses em estudo. Também os que nesta categoria não responderam, foram excluídos da análise, o que juntamente com os trabalhadores-estudantes, representa 14 sujeitos excluídos. Além disso, um sujeito da amostra declarou ter sido alvo de um assalto semelhante, o que inviabilizou também a sua participação no estudo. Deste modo, foram excluídos desta investigação 21 dos 108 sujeitos da amostra. Sublinhe-se ainda que, aquando da criação de situações realistas nas manipulações do estudo, acaba por se considerar variáveis que afectam diferentemente os vários sujeitos (e.g. a posse de carta de condução). Todavia, é quase impossível encontrar uma amostra que cumpra todos os requisitos, sob pena de reduzirmos excessivamente o número de sujeitos. Logo, o facto de alguns sujeitos não possuírem carta de condução, contrariamente à vítima, não foi motivo de exclusão dos mesmos deste estudo.

### **3.2 Análise factorial e análise de consistência interna**

No que concerne à consistência interna, a Escala de Crença no Mundo Justo Geral de Dalbert, Montada e Schmitt (1987) apresenta uma consistência razoável ( $\alpha$  de Cronbach = .63). Já as questões relativas à vitimização secundária retiradas de Correia (2001), depois de recodificados os itens 5 “X merece o que lhe aconteceu”, o 7 “Se conhecesse X estaria disposto a conversar com ele(a)?”, o 8 “Iria a uma festa onde X estivesse presente?” e o 9 “Se fosse amigo de X estaria disposto a sê-lo quando soubesse que ele(a) tinha sido alvo de um assalto?”, apresentam uma razoável consistência interna ( $\alpha$  de Cronbach = .68). Apesar disso, optámos por realizar uma análise factorial a fim de perceber se existiam várias dimensões no conjunto destas questões, dado o cariz variado de algumas perguntas. Foi então realizada a estatística de Kaiser-Meyer-Olkin, que provou existir uma multicolineariedade média entre os itens ( $KMO = .70$ ) e foi realizado o teste de Bartlett, que provou não se estar na presença de uma matriz de identidade ( $p < .001$ ). Assim, através de uma análise de componentes principais, com rotação varimax, extraíram-se três componentes, que explicam 63.28% da variância. Este valor é bastante aceitável

no campo das ciências sociais. Os *loadings* das três componentes extraídas podem ver-se no Quadro 1. Para as três componentes foi avaliada a consistência interna, porém apenas a componente 1 apresentava uma consistência interna muito boa ( $\alpha$  de Cronbach=.84), contrastando com a componente 2 ( $\alpha$  de Cronbach = .39) e 3 ( $\alpha$  de Cronbach = .47). Optou-se então pela construção de um índice, com os itens 1, 2 e 3 excluindo o item 4, uma vez que a ausência deste aumentava a consistência interna ( $\alpha$  de Cronbach = .87), mas sobretudo por estar menos relacionado conceptualmente aos outros três itens. Assim, criou-se um índice de responsabilidade que resulta da média das respostas aos itens “Em que medida X é responsável pelo assalto?”, “X podia ter evitado o assalto?” e “Em que medida X é culpado pelo assalto de que foi alvo?”.

No que diz respeito aos restantes itens, foram utilizados separadamente enquanto variáveis, uma vez que não se conseguiu aqui replicar os índices criados por Correia (2001), nem outros que fizessem sentido conceptualmente, em ambos os casos, devido a pouca consistência interna. Portanto, o item 4 “Como caracterizaria a situação em que X se encontra?” corresponde à variável *justiça da situação*, o item 5 “X merece o que lhe aconteceu.” à variável *merecimento da vítima*, o item 6 “X tem sofrido muito” ao *sofrimento a vítima*, o item 7 “Se conhecesse X estaria disposto a conversar com ele(a)?” à variável *evitar conversar com a vítima*, o item 8 “Iria a uma festa onde X estivesse presente?” à variável *evitar estar numa festa com a vítima* e o item 9 “Se fosse amigo de X estaria disposto a continuar a sê-lo quando soubesse que ele(a) tinha sido alvo de um assalto?” à variável *evitar manter amizade com a vítima*. Para todos os itens, quanto maior os valores, maior a vitimização secundária. Por exemplo, a variável *evitar conversar com a vítima*, medida através do item 7, deve ser lida do seguinte modo: quanto maior o valor da resposta a essa variável, menor a disposição para conversar com a vítima, logo maior a vitimização secundária. Este tipo de leitura deve aplicar-se aos itens 8 e 9 e também ao item 6. O item 5, apesar de ter sido recodificado, a sua leitura é a seguinte: quanto maior o seu valor, maior o merecimento atribuído à vítima, logo maior a vitimização secundária.

Quanto aos adjectivos, no que concerne à construção dos índices, procedemos de acordo com Alves (2008). Como tal, utilizamos os adjectivos “Competente”, “Confiante”, “Competitivo”, “Independente”, “Trabalhador”, “Inteligente”, “Determinado” e “Responsável” enquanto indicadores de utilidade social e os adjectivos “de quem se gosta”, “Prestável”, “Sincero”, “Bem educado”, “Boa pessoa” e “Tolerante” como indicadores de desejabilidade social.

**Quadro 1.** *Loadings* da análise factorial das questões de vitimização secundária de Correia (2001)

Itens	M	DP	Factores		
			1	2	3
1. Em que medida X é responsável pelo assalto?	2	1.27	.92		
2. X podia ter evitado o assalto?	2.72	1.63	.82		
3. Em que medida X é culpado pelo assalto de que foi alvo?	2	1.32	.91		
4. Como caracterizaria a situação em que X se encontra?	1.65	1.05	.67		
5. X merece o que lhe aconteceu.	1.63	1.26			.80
6. X tem sofrido muito.	2.69	1.50		.78	
7. Se conhecesse X estaria disposto a conversar com ele(a)?	1.88	1.15			.78
8. Iria a uma festa onde X estivesse presente?	1.66	1.08		.69	
9. Se fosse amigo de X estaria disposto a continuar a sê-lo quando soubesse que ele(a) tinha sido alvo de um assalto?	1.09	.33		.55	

Para cada um dos casos, procedeu-se à verificação da consistência interna, que se revelou boa, quer na utilidade social ( $\alpha$  de Cronbach = .85), quer na deseabilidade social ( $\alpha$  de Cronbach = .87). No que concerne ao alívio, averiguou-se também a consistência interna dos 4 itens gerados para a medição do mesmo e concluiu-se que tinha uma consistência interna razoável ( $\alpha$  de Cronbach = .67). Como tal, a partir da média de respostas a esses itens, criou-se um índice de alívio. Também a Escala desenvolvida por Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga, Nieweg & Gallucci (2006) para a medição da *schadenfreude* apresentou uma razoável consistência interna ( $\alpha$  de Cronbach = .71) e portanto, construiu-se um índice de *schadenfreude*, composto pela média dos 5 itens da referida escala.

### 3.3 Correlações entre variáveis

Como pode ver-se no Quadro 2, através da análise das correlações bivariadas das variáveis presentes neste estudo, conclui-se que a responsabilidade (medida através de um índice) está positivamente correlacionada com a vitimização secundária, através de uma correlação com a justiça da situação ( $r = .51$ ) e de uma correlação com o merecimento da vítima ( $r = .22$ ). Além disso, a responsabilidade revela ainda uma correlação negativa com a utilidade social ( $r = -.22$ ) e uma correlação positiva com a *schadenfreude* ( $r = .28$ ). Assim, quanto mais a vítima é considerada responsável pela sua situação, mais é considerada justa a situação em que se encontra e mais é percebido o merecimento por estar nessa situação. Por outro lado, quanto mais a vítima é responsabilizada pela sua situação, menos é considerada *útil socialmente* e mais é alvo da *schadenfreude*. Porém, quando utilizada uma análise através de correlações parciais e controlada a desejabilidade social dos participantes, a correlação da responsabilidade com a utilidade social deixa de ser significativa, a correlação da responsabilidade com o merecimento da vítima torna-se maior e mais significativa ( $r = .35$ ) e a correlação com a justiça da situação aumenta ligeiramente ( $r = .51$ ), bem como com a *schadenfreude* ( $r = .34$ ).

A respeito da *schadenfreude*, esta encontra-se negativamente correlacionada com o alívio ( $r = -.28$ ). Este resultado mostra que a *schadenfreude* não está associada positivamente ao alívio por não ter sido o próprio o alvo da vitimização. Pelo contrário, quanto maior a *schadenfreude*, menor o alívio, o que contradiz o objectivo secundário desta investigação. Contudo, a *schadenfreude* parece estar positivamente correlacionada com a justiça da situação ( $r = .28$ ) em que se encontra a vítima e à percepção do sofrimento da vítima ( $r = .23$ ). Quando controlada a desejabilidade social dos participantes e utilizando a análise das correlações parciais, a correlação negativa da *schadenfreude* com o alívio, torna-se ligeiramente mais fraca e menos significativa ( $r = -.24$ ). Pelo contrário, a correlação da *schadenfreude* com a justiça da situação em que a vítima se encontra é fortalecida ( $r = .33$ ) e a correlação da *schadenfreude* com o sofrimento da vítima deixa de ser significativa (passa a ter um nível de significância marginal).

Ainda relativamente ao alívio, este está significativa e positivamente correlacionado com a desejabilidade social da vítima ( $r = .27$ ), logo quanto mais o sujeito caracteriza a vítima como *socialmente desejável*, maior o alívio sentido pelo participante face à mesma. Esta correlação torna-se ligeiramente mais fraca ( $r = .24$ ), aquando do controlo da desejabilidade social dos participantes numa análise às correlações parciais.

Relativamente à crença no mundo justo geral, esta está positivamente correlacionada com a utilidade social da vítima ( $r = .31$ ). Isto é, quanto maior a crença num mundo justo, mais a vítima é percebida como sendo *socialmente útil*. Esta correlação deixa de ser significativa quando utilizada uma análise através de correlações parciais e controlada a desejabilidade social dos participantes.

A utilidade social está ainda correlacionada com a desejabilidade social ( $r = .66$ ), o que significa que quanto maior a utilidade social atribuída à vítima, é também maior a desejabilidade social que lhe atribuem. Além disso, a utilidade social está negativamente correlacionada com a justiça da situação ( $r = -.26$ ), logo, os sujeitos tendem a considerar a vítima mais *útil socialmente*, quanto menos consideram justa a situação em que esta se encontra. Os sujeitos mostram também que quanto menos evitariam conversar com a vítima (caso a conhecessem), maior a utilidade social que lhe atribuem ( $r = -.22$ ). Quando realizadas correlações parciais e controlada a desejabilidade social dos participantes, as correlações da utilidade social com a desejabilidade social ( $r = .64$ ) e com a justiça da situação ( $r = -.26$ ) mantêm-se significativas. Todavia, a correlação da utilidade social com a variável evitar conversar com a vítima passa a ser não significativa.

Em relação à justiça da situação, quanto mais a situação em que se encontra a vítima é considerada a justa, maior é considerado o merecimento da vítima pela mesma ( $r = .22$ ). Esta correlação mantém-se significativa e sobe ligeiramente ( $r = .27$ ) quando controlada a desejabilidade social dos participantes e realizadas correlações parciais.

O merecimento está ainda correlacionado positivamente com o evitamento de conversar com a vítima ( $r = .31$ ), ou seja, quanto mais os sujeitos consideram merecida a situação da vítima, mais evitariam falar com a mesma. Esta correlação mantém-se significativa e sobe ligeiramente ( $r = .38$ ) quando controlada a desejabilidade social dos participantes e realizadas correlações parciais.

Por fim, quanto mais evitariam estar numa festa onde a vítima estivesse presente, mais evitariam falar com a vítima ( $r = .22$ ) e menor o sofrimento atribuído à vítima pela sua situação ( $r = .30$ ). Contudo, quando utilizada uma análise às correlações parciais, controlando a desejabilidade social dos participantes, a correlação da variável evitar estar numa festa onde a vítima estivesse presente com a variável evitar falar com a vítima torna-se mais forte ( $r = .28$ ) e a correlação da variável evitar estar numa festa onde a vítima estivesse presente com o sofrimento

atribuído à vítima desce ligeiramente ( $r = .27$ ). Além disso, torna-se significativa a correlação da variável evitar estar numa festa com a vítima e evitar manter uma amizade com a mesma ( $r = .23$ ), logo quanto menor a disposição para estar numa festa com a vítima, menor a disposição para manter uma amizade com a mesma.

### **3.4 Impacto da crença no mundo justo, inocência da vítima e categorização social da vítima na vitimização secundária e na *schadenfreude***

Foi realizada uma ANOVA inter-sujeitos 2 (inocência da vítima: inocente versus não inocente) X 2 (categorização social da vítima: vítima do endogrupo versus vítima do exogrupo) X 2 (Crença no mundo justo geral: alta versus baixa). No conjunto das variáveis dependentes, essa análise revelou um efeito principal da inocência da vítima na responsabilidade ( $F(1,85) = 15,48$ ;  $p < .001$ ), um efeito principal da inocência da vítima na justiça da situação em que a vítima se encontra ( $F(1,84) = 4,46$ ;  $p < .05$ ) e um efeito principal da crença mundo justo geral na utilidade social atribuída à vítima ( $F(1,85) = 9,20$ ;  $p = .003 < .05$ ). Além disso, foram encontrados dois efeitos de interação: um efeito de interação da inocência da vítima e da categorização social da vítima no evitamento de conversar com a vítima<sup>6</sup>, caso o participante a conhecesse ( $F(1,82) = 8,93$ ;  $p < .05$ ) e um efeito de interação da categorização social da vítima e da crença no mundo justo geral no merecimento da vítima pela situação e vitimização ( $F(1,83) = 5,18$ ;  $p < .05$ ).

Na responsabilidade, esse efeito revelou que são os sujeitos que se encontram na condição da vítima não inocente, que mais responsabilizam a vítima pelo seu infortúnio ( $M = 2.69$ ;  $DP = 1.30$ ), comparativamente aos sujeitos que integram a condição de vítima inocente ( $M = 1.70$ ;  $DP = .98$ );

Na justiça atribuída à situação de vitimização, esse efeito demonstrou que numa vítima não inocente, os sujeitos percebem a situação de vitimização como mais justa ( $M = 1.87$ ;  $DP = 1.08$ ) do que na condição de vítima inocente ( $M = 1.40$ ;  $DP = .95$ ).

Na utilidade social atribuída à vítima, esta análise reflecte que são os participantes com uma alta crença no mundo justo geral que mais caracterizam a vítima como *socialmente útil* ( $M = 3.85$ ;  $DP = .84$ ) comparativamente aos participantes com baixa crença no mundo justo ( $M = 3.33$ ;  $DP = .73$ ).

---

<sup>6</sup> Esta medida de vitimização deve ser lida do seguinte modo: quanto maior o seu valor, menor a disposição para conversar com a vítima, caso a conhecesse.

**Quadro 2.** Correlações bivariadas e *correlações parciais* (controle da deseabilidade social dos participantes) entre algumas das variáveis em estudo

	Responsabilidade	Schadenfreude	Alívio	Crença no Mundo Justo Geral	Utilidade Social	Desejabilidade Social	Justiça da situação	Merecimento da vítima	Sofrimento da vítima	Evitar conversar com a vítima	Evitar estar numa festa com a vítima
Responsabilidade											
Schadenfreude	-.28**										
	-.24*										
Alívio	-.11	-.28**									
	-.15	-.24*									
Crença no Mundo Justo Geral	.07	-.11	.12								
	.05	-.02	.11								
Utilidade Social	-.22*	-.18	.09	.31**							
	-.21	-.12	.08	.18							
Desejabilidade Social	-.11	-.03	.27*	.11	.66**						
	-.08	.01	.24*	-.01	.64**						
Justiça da situação	.51**	.28**	-.11	.05	-.26*	-.18					
	.51**	.33**	-.13	.05	-.26*	-.17					
Merecimento da vítima	.22*	.18	-.16	-.09	-.10	-.04	.22*				
	.35**	.02	-.20	-.13	-.20	-.20	.27*				
Sofrimento da vítima	.00	.23*	-.01	.02	-.14	-.14	.04	-.09			
	-.01	.23	.03	.12	-.08	-.01	.03	-.06			
Evitar conversar com a vítima	.07	.14	-.00	.12	-.22*	-.17	.13	.31**	.20		
	.04	.12	-.04	-.04	-.15	-.14	.12	.38**	.20		
Evitar estar numa festa com a vítima	.05	.13	.02	.06	.02	-.08	.11	.15	.29**	.22*	
	.08	.15	.08	.23	.06	-.06	.13	.18	.27*	.28*	
Evitar manter amizade com a vítima	-.07	.05	.04	.19	.08	-.11	-.08	-.00	.18	.06	.16
	-.11	.07	.00	.23	.12	-.12	-.10	.00	.21	.03	.23*

\*p&lt;0.05 \*\*p&lt;0.01

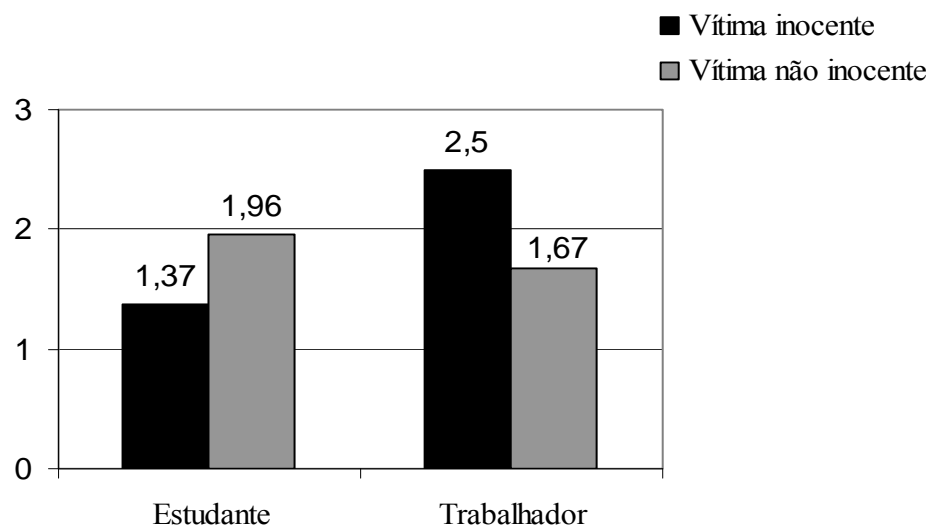


No evitamento de conversar com a vítima, o efeito de interação mostra que é quando a vítima é um trabalhador (vítima do exogrupo) inocente, que é mais vitimizada pelos participantes ( $M = 2.50$ ;  $DP = 1.35$ ), uma vez que estes mostram menos disposição para falar com a vítima.

Em oposição, é na condição em que a vítima é um estudante (vítima do endogrupo) inocente que os sujeitos se mostram mais disponíveis para conversar com a vítima, caso a conhecessem ( $M = 1.37$ ;  $DP = .59$ ). Verificou-se que estes dois grupos são estatisticamente diferentes ( $p < .05$ ), através do teste de Turkey para a comparação de médias. Nos restantes grupos, não existem diferenças significativas. Estes resultados podem ser consultados no Gráfico 1 e Tabela 3 .

No merecimento da vítima pela situação, o efeito de interação revelou que para os participantes com uma baixa crença no mundo justo geral, na condição estudante (vítima do endogrupo), a vítima merece menos a sua situação ( $M = 1.25$ ;  $DP = .57$ ), por comparação ao trabalhador (vítima do exogrupo), na condição de crença no mundo justo geral baixa, a quem é atribuído maior merecimento pelo infortúnio ( $M = 2.17$ ;  $DP = 1.82$ ). Para aqueles que apresentam uma crença no mundo justo geral alta, o estudante (vítima do endogrupo) é mais merecedor do seu infortúnio ( $M = 1.62$ ;  $DP = 1.20$ ) do que o trabalhador (vítima do exogrupo) ( $M = 1.32$ ;  $DP = .58$ ). Optou-se por considerar este efeito, apesar do teste de Turkey e o teste de Scheffe, não confirmarem diferenças significativas entre os grupos. Estes resultados podem ser consultados no Gráfico 2 e Tabela 4.

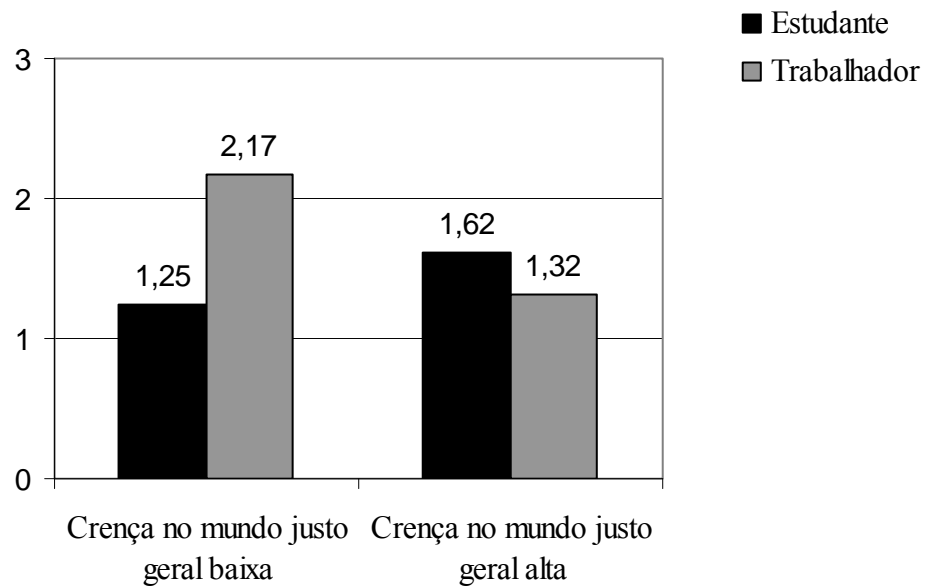
**Gráfico 1.** Gráfico de médias do efeito de interação da inocência da vítima e da categorização social da vítima na variável *evitar conversar com a vítima*



**Quadro 3.** Médias e desvios-padrão da variável *evitar conversar com a vítima* segundo a inocência da vítima e a categorização social

		Média	Desvio-padrão
Vítima inocente	Estudante	1.37	.59
	Trabalhador	2.50	1.35
Vítima não inocente	Estudante	1.96	1.24
	Trabalhador	1.67	.96

**Gráfico 2.** Gráfico de médias do efeito de interação da crença no mundo justo geral e da categorização social da vítima no merecimento da vítima pela situação



**Quadro 4.** Médias e desvios-padrão do merecimento da vítima pela situação segundo a categorização social da vítima e a crença no mundo justo geral

		Média	Desvio-padrão
Estudante	Crença no mundo justo geral baixa	1.25	.57
	Crença no mundo justo geral alta	1.62	1.20
Trabalhador	Crença no mundo justo geral baixa	2.17	1.82
	Crença no mundo justo geral alta	1.32	.58

#### 4. DISCUSSÃO

Tendo em conta os resultados apresentados, a Hipótese 1 não foi confirmada. Apesar de ter sido encontrado um efeito principal da crença no mundo justo geral no índice de utilidade social, este efeito foi no sentido contrário à vitimização secundária. Isto significa que os participantes com uma alta crença no mundo justo geral, consideraram a vítima mais *útil socialmente*, do que os com baixa crença e como tal, vitimizaram-na menos que estes últimos.

Apesar disso, os resultados descritos suportam algumas das iniciais expectativas sobre este estudo. Tal como se antevia, a Hipótese 2 foi confirmada, uma vítima que propiciou o seu destino, ou seja, que criou condições que favorecem de algum modo a situação de vitimização, é uma vítima que se encontra numa situação mais justa e é mais responsável pelo seu sofrimento, do que uma vítima inocente. Este resultado havia sido já referido por Correia (2001) e Correia e Vala (2003). É aliás, racional que uma vítima seja mais vitimizada quando contribuiu para o seu destino, e como tal, segundo Correia e Vala (2003), a ameaça de uma vítima inocente ocorre sobretudo quando se tem também em conta a intensidade da crença no mundo justo do participante.

Ainda que mais nenhuma das hipóteses colocadas tenha vindo a ser confirmada, poder-se-á dizer que pelo menos parcialmente se confirma a ligação entre o prazer malicioso, isto é, a *schadenfreude* com a vitimização secundária. Ora vejamos, a *schadenfreude* mostrou aqui estar correlacionada com várias formas de vitimização secundária: a responsabilidade atribuída à

vítima, a justiça atribuída à situação e ainda o sofrimento atribuído a vítima<sup>7</sup>. Tal como o sugerido por outros estudos no âmbito da *schadenfreude* (e. g. Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga & Nieweg, 2005), a responsabilidade é uma variável a considerar quando se estuda o prazer pelo mal que acontece aos outros. Também aqui, quanto mais os sujeitos consideraram a vítima responsável pelo assalto de que foi alvo, mais sentem prazer malicioso pela mesma. Isto pode conduzir-nos à ideia de legitimidade, no sentido em que o meu prazer é encarado como mais aceitável face a um sofrimento que considero não ser aleatório, que não depende da sorte ou do azar, mas mais do descuido de uma pessoa. E o descuido é algo que pode ser criticado, é algo que se enquadra no padrão do “bem te avisei e agora...é bem feita!”.

O mesmo se aplica à justiça da situação, ao considerar justo o infortúnio de alguém, a minha expressão de prazer por esse infortúnio é permitida, porque deixa de o ser face a uma vítima e passa a sê-lo face a um *culpado*. Como menciona Feather (2002, pg. 340) “People feel pleased when an outcome is seen to be deserved; they are displeased when an outcome is seen to be undeserved.” Nesta lógica, a correlação da *schadenfreude* com o sofrimento da vítima pode ser entendida do seguinte modo: o participante expressa mais *schadenfreude*, quanto menos considera que a vítima sofreu, porque não a vê de facto como uma vítima, à semelhança do que já foi referido. Estes são exemplos de um comportamento semelhante entre a vitimização secundária e a *schadenfreude*, o que pode significar que apesar de poderem ser influenciadas por diferentes variáveis, por vezes, tendem a ocorrer em simultâneo.

Ainda a propósito da *schadenfreude*, um dos objectivos secundários deste estudo, era averiguar se existia uma correlação positiva desta com o alívio do participante face à vítima. Surpreendentemente, existe uma correlação entre estas duas variáveis, mas trata-se de uma correlação negativa. Ao que parece, quanto maior a *schadenfreude*, menor o alívio. Perante isso, poder-se-á especular que a *schadenfreude* não é uma emoção semelhante ao alívio, uma vez que estas duas emoções não ocorrem em paralelo. A justificação para tal pode residir no facto de um participante quanto mais se sente aliviado face ao que aconteceu à vítima, mais reconhece a gravidade dessa situação e portanto, menos sente prazer por um sofrimento que considera grave ou o inverso.

---

<sup>7</sup> Esta correlação não é significativa nas correlações parciais quando se controla a desejabilidade social dos participantes

Além disto, a forte correlação entre a responsabilidade atribuída à vítima pelo sucedido e a justiça da situação, não é de todo surpreendente. O conceito de responsabilidade da vítima que poderá eventualmente equiparar-se ao termo utilizado por Andrade (1980, pg. 186)<sup>8</sup>, *victim-precipitated crime* e que segundo este, se aplica “sempre que a vítima, através da sua conduta anterior ao crime, contribui positivamente para a sua verificação”, está intimamente relacionado com a justiça das consequências. Uma vítima responsável pela sua situação de vitimização, é uma vítima que promove de algum modo o seu próprio estatuto de vítima e é em simultâneo, por isso, uma vítima que a crença no mundo justo pode aceitar. Assim, a responsabilidade atribuída à vítima e a justiça atribuída à situação, enquanto formas de vitimização secundária, promovem-se mutuamente. Além destas, outras correlações merecem alguma atenção. As variáveis relacionadas com o contacto social com a vítima, mostram correlações entre si, quanto mais se evita estar numa festa com a vítima, mais se evita falar com a mesma. Isso revela o evitamento do confronto com a vítima, através de vários modos de afastar a ameaça a um mundo justo. Interessante é também notar, que a correlação entre a disposição para estar numa festa com a vítima e para manter uma amizade com a mesma (caso essa amizade existisse antes do assalto), aparece apenas quando controlada a desejabilidade social dos participantes. Ou seja, apesar de não ser admirável que estejam associadas várias manifestações de evitar o contacto presencial com a vítima, uma vez que será compreensível que alguém que evitaria estar numa festa com a vítima, evite igualmente falar com a mesma. O que é notável é que essa lógica se aplique à intenção de não manter uma amizade com uma vítima que já era um(a) amigo(a) do observador, antes de ocorrer a situação de vitimização. Talvez por isso ser algo surpreendente e mal visto socialmente, pela insensibilidade perante um (a) amigo (a), esta correlação aparece apenas quando controlada a desejabilidade social dos participantes.

Em oposição, uma correlação que desaparece, quando controlada a desejabilidade social dos participantes, é a da crença no mundo justo geral com a utilidade social. Esta pode constituir mais uma manobra para encobrir a desvalorização da vítima, por um lado porque essa correlação desaparece quando se considera a desejabilidade social dos participantes e por outro, porque quando essa correlação existe tem que ver com a valorização da vítima enquanto *alguém com capacidades de sucesso* mas não enquanto *alguém de quem se gosta*. Isto pode revelar mais um meio de distanciamento afectivo da vítima. Também através de um efeito principal, se concluiu

---

<sup>8</sup> Expressão utilizada por Wolfgang (1956, citado por Andrade, 1980)

que os participantes com alta crença no mundo justo vêem a vítima como mais *socialmente útil*, do que os que têm uma baixa crença. Além desta correlação, a utilidade social mostrou ainda crescer inversamente ao nível de justiça atribuído à situação de vitimização.

Outras correlações mostram o crescimento paralelo de variáveis de vitimização secundária, o que transparece a coexistência de várias formas de revitimizar a vítima.

No que se refere aos efeitos de interação não esperados, verificou-se um efeito de interação da inocência da vítima e da categorização social da vítima na disposição para conversar com a vítima. Assim, uma vítima que é inocente, é mais vitimizada secundariamente (através dum maior evitamento de conversar com a vítima) quando pertence ao exogrupo (trabalhador) e em oposição, quando não é inocente, é mais revitimizada uma vítima do endogrupo (estudante). Este panorama pode em parte justificar-se pelo efeito de favoritismo pelo endogrupo (Tajfel, 1978), presente também nos estudos de Correia, Vala e Aguiar (2007). Como aconteceu nesse estudo, apesar da ameaça colocada por uma vítima do mesmo grupo do próprio ser maior do que de um grupo exterior, isso não se traduziu numa maior vitimização secundária da vítima do endogrupo. Pelo contrário, o evitamento de conversar com o estudante não inocente comparativamente ao trabalhador não inocente, poderá ter que ver com a necessidade de afastamento de um elemento de um grupo que de algum modo, *não cumpriu as regras*. O *não cumprimento* refere-se ao facto de não ter sido suficientemente cauteloso (a), facilitando o seu próprio infortúnio. Ainda assim, esta última diferença não foi considerada estatisticamente significativa, o que pode justificar a sua incoerência com os pressupostos da crença no mundo justo.

Contudo, o outro efeito de interacção não esperado, o da crença no mundo justo geral e o da categorização social da vítima no merecimento da vítima pela situação de vitimização (ou seja, uma forma de vitimização secundária) parece mais congruente com os valores da crença no mundo justo. Como tal, os sujeitos com alta crença no mundo justo geral atribuem um maior merecimento pelo infortúnio ao estudante (vítima do endogrupo) do que ao trabalhador (vítima do exogrupo), podendo ser isso sinal duma maior ameaça da vítima do endogrupo e de uma consequente resposta a essa ameaça. Para os sujeitos com baixa crença no mundo justo geral, o padrão é inverso. Esta situação pode dever-se à fraca crença no mundo justo geral, uma vez que desse enfraquecimento, pode resultar apenas uma vitimização secundária com base na categorização social, donde sairá a ganhar a vítima mais semelhante ao participante, pelo já mencionado efeito de favoritismo (Tajfel, 1978).

É também curioso, no âmbito das variáveis dependentes, que a todas as medidas de vitimização secundária e a medida de *schadenfreude* apresentem valores médios de resposta<sup>9</sup>, abaixo do meio da escala. Isto demonstra, que de um modo geral, a vítima não foi um forte alvo de vitimização secundária, nem de prazer malicioso. Aliás, pelo contrário, são as medidas de valorização da vítima, como é o caso da utilidade social<sup>10</sup> e deseabilidade social<sup>11</sup>, que alcançam valores acima do ponto médio da escala. Acima destas medidas de valorização da vítima, está apenas a média do alívio<sup>12</sup> face à vítima. Esta situação deve ser motivo de reflexão. Sabe-se que a vitimização secundária, decorre por vezes, da ausência de outras alternativas de reposição da justiça (Lerner, 1980). Neste estudo, a situação de vitimização era relatada através de um texto, retirado de um suposto jornal. Esse texto terminava com a frase “a polícia está neste momento a investigar o caso.” A utilização desta frase prendeu-se ao objectivo de tornar a notícia mais realista, contudo pode ter gerado nos participantes um efeito não esperado. Esse efeito pode ser o da esperança na reposição da justiça pelas autoridades policiais, já que apesar de ficar em aberto se os assaltantes serão encontrados e penalizados pelos seus actos, essa é uma possibilidade. Neste sentido, os participantes gozam de uma outra alternativa à reposição da justiça, além da vitimização secundária e podem pois, *tranquilizar-se* sem procurarem outras estratégias para lidar com a injustiça da situação. Além deste argumento, o próprio formato da manipulação, pode não corresponder ao mais realista, nem ao mais credível. Talvez se o assalto fosse visualizado através de um vídeo, os sujeitos detectassem mais facilmente a ameaça da vítima às suas crenças. Além disso, a gravidade da situação de vitimização pode ter inibido os sujeitos, quer no caso das medidas de vitimização secundária, quer na *schadenfreude*. Como já foi referido, a Schadenfreude é sobretudo estudada ao nível do insucesso escolar (e. g. Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga, Nieweg & Gallucci, 2006), apesar de existirem estudos que abordam vitimizações graves, como uma investigação criminal por roubo (Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga, Nieweg & Gallucci, 2006). Mais que isso, é uma variável que costuma ser estudada a par da inveja (Brigham, Kelso, Jackson & Smith, 1997), o que não aconteceu neste estudo.

Um outro aspecto que pode fundamentar, a fraca expressão de *schadenfreude* diz respeito à própria escala (Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga, Nieweg & Gallucci, 2006). Primeiro porque este

---

<sup>9</sup> Índice de Schadenfreude ( $M = 1.36$ ;  $DP = .66$ )

<sup>10</sup> Índice de Utilidade Social ( $M = 3.6$ ;  $DP = .84$ )

<sup>11</sup> Índice de Deseabilidade Social ( $M = 3.85$ ;  $DP = .75$ )

<sup>12</sup> Índice de Alívio ( $M = 4.44$ ;  $DP = .98$ )

estudo foi pioneiro na sua utilização em Portugal e a escala pode não estar adaptada ao povo português; depois porque tem itens de cariz muito explícito (e. g. “Gostei do que aconteceu a X”) que podem dificultar o real acesso às emoções dos participantes, por serem claramente inaceitáveis do ponto de vista social e talvez até pessoal. Apesar da tentativa de contornar esse aspecto, através da escala de desejabilidade social de Crowne e Marlowe (1960), o ideal seria ter uma medida implícita da *schadenfreude* ou uma medida de hetero-avaliação. Por exemplo, uma grelha de observação de comportamentos poderia ser uma alternativa viável, num caso em que a situação de vitimização o permitisse. Utilizando uma grelha, não só poderíamos ter informação em tempo real, como estaríamos aptos a aceder à expressão facial do participante, vendo se este ri, se faz expressões de prazer, etc.

Mesmo perante a fraca expressão do prazer malicioso e até da vitimização secundária, este estudo vem, de algum modo, abrir novas portas ao estudo destas variáveis. Vem também mostrar que há pertinência no seu estudo conjunto e vem desafiar novas formas de se pensar na crença no mundo justo, procurando perceber se faz sentido manter o princípio aqui enraizado (mas não totalmente concretizado), de que a *schadenfreude* pode estar de facto relacionada com a teoria de um mundo justo e pode também figurar como uma forma de vitimização secundária. Dado isto, seria aconselhável estudar vítimas de outros tipos de infortúnio, mais e menos graves do que o utilizado aqui. Seria igualmente interessante abordar o estudo da *schadenfreude* face a vítimas numa perspectiva intercultural, uma vez que lexicalmente esta emoção existe apenas em algumas culturas e isso pode ser consequência dos valores e ideologias das mesmas.

Além disso, a presente investigação vem reafirmar a importância do estudo da utilidade social no campo da crença no mundo justo; vem reforçar a importância do contacto social com as vítimas, como instrumento de possível sensibilização do sofrimento de que estas são alvo; vem mostrar que o alívio por comparação à vítima não é sinónimo de prazer por ter sido ela o alvo e por fim, e talvez o mais relevante, vem demonstrar mais uma vez a complexidade humana, mostrando que circunstâncias semelhantes, nem sempre geram os mesmos resultados. Assim, apesar da tendência provada para se penalizar uma vítima, em certas condições, mesmo depois da penalização pelo sofrimento, existe ainda uma possibilidade de vermos mais o seu sofrimento, do que a sua culpa...existe ainda a possibilidade de respondermos com simpatia à dor dos que nos acompanham.



## REFERÊNCIAS

- Aguiar, P., Vala, J., Correia, I., & Pereira, C. (2008). Justice in our world and in other's world: Belief in a just world and reactions to victims. *Social Justice Research, 21*, 50-68.
- Alves, H. (2008). *On the normativity of expressing the belief in a just world: Empirical evidence*. Tese de Doutoramento. Lisboa: ISCTE.
- Alves, H. & Correia, I. (in press). Personal and General Belief in a Just World as Judgment Norms. *International Journal of Psychology*.
- Andrade, M. C. (1980). *A vítima e o problema criminal*, Separata do vol. XXI do Suplemento do Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra, Coimbra.
- Brickman, P., Rabinowitz, V., Karuza, J., Coates, D., Cohn, E. & Kidder, L. (1982). Models of helping and coping. *American Psychologist, 37*, 368-384.
- Brigham, N.L., Kelso, K. A., Jackson, M. A., & Smith, R. H. (1997). The roles of invidious comparisons and deservingness in sympathy and Schadenfreude. *Basic and Applied Social Psychology, 19*, 363-380.
- Bulman, R., & Wortman, C. B. (1977). Attributions of blame and coping in the "real world": Severe accident victims react to their lot. *Journal of Personality and Social Psychology, 35*, 351-363.
- Correia, I. (2001). *Concertos e desconcertos na procura de um mundo concertado: Crença no mundo justo, inocência da vítima e vitimização secundária*. Tese de Doutoramento. Lisboa: ISCTE.
- Correia, I. & Vala, J. (2003) Crença no mundo justo e vitimização secundária: o papel moderador da inocência da vítima e da persistência do sofrimento. *Análise Psicológica, 21*, 341-352.
- Correia, I., Vala, J., & Aguiar, P. (2007). Victim's innocence, social categorization and the threat to the belief in a just world. *Journal of Experimental Social Psychology, 43*, 31-38.
- Correia, I. & Dalbert, C. (2007). Belief in a just world, justice concerns, and well-being at Portuguese schools. *European Journal of Psychology of Education, 22*, 421-437.
- Correia, I. & Dalbert, C. (2008). School bullying: Belief in a personal just world of bullies, victims, and defenders. *European Psychologist, 13*, 249-254.
- Correia, I. Kamble, S.V., & Dalbert, C. (2009). Belief in a just world and well-being of bullies, victims and defenders: a study with Portuguese and Indian students. *Anxiety, Stress and Coping*,
- Crowne, D. P. & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology, 24*, 349-354.
- Dalbert, C. (1999). The world is more just for me than generally: About the personal belief in a just world scale's validity. *Social Justice Research, 12*, 79-98.
- Dalbert, C., Montada, L., & Schmitt, M. (1987). Glaube an eine gerechte Welt als Motiv: Validierungskorrelate zweier skalen. *Psychologische Beiträge, 29*, 596-615.
- Feather, N. T. (1999). Judgments of deservingness: studies in the psychology of justice and achievement. *Personality and Social Psychology Review, 3*, 86-107.
- Feather, N. T. (2002). Deservingness, entitlement, and reactions to outcomes. In M. Ross & D. T. Miller (Eds.), *The justice motive in everyday life* (pp. 334-349). Cambridge: Cambridge University Press.

- Feather, N.T. & Nairn, K. (2005). Resentment, envy, *schadenfreude*, and sympathy. Effects of own and other's deserved and undeserved status. *Australian Journal of Psychology*, 57, 87-102.
- Feather, N. T., & Sherman, R. (2002). Envy, resentment, Schadenfreude, and sympathy: Reactions to deserved and undeserved achievement and subsequent failure. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28, 953-961.
- Goodman, N. (2007). Schadenfreude. Retirado em 8 de Fevereiro de 2009 de <http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=2043343>
- Goslinga, S., Van Dijk, W.W., & Hoek, T.(2000).Experiencing Schadenfreude. Proceedings of the 11th Conference of the International Society for Research on Emotions, 2000 (pp. 199-200). ISRE Publications/University of Amsterdam, FMG/Department of Psychology Amsterdam, August 2004
- Hafer, C. L. (2000). Do innocent victims threaten the belief in a just world?: Evidence from a modified Stroop task. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 165-173.
- Hafer., C. & Begué, L. (2005). Experimental research on Just-World Theory: problems, developments and future challenges. *Psychological Bulletin*, 131, 128-167.
- Hareli, S. & Weiner, B. (2000). Schadenfreude -- what makes us feel good about other's sufferings. Proceedings of the 11th Conference of the International Society for Research on Emotions, 2000 (pp. 267-271). ISRE Publications/University of Amsterdam, FMG/Department of Psychology Amsterdam, August 2004
- Leach, C.W., & Spears, R., Branscombe, N.R., & Doosje, B. (2003). Malicious pleasure: *Schadenfreude* at the suffering of another group. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 932-943.
- Lerner, M. J. (1971). Observer's evaluation of a victim: justice, guilt and veridical perception. *Journal of Personality and Social Psychology*, 20, 127-135.
- Lerner, M. J. (1980). *Belief in a just world: A fundamental delusion*. New York: Plenum Publishing Corporation.
- Lerner, M. J. (1997). What does the belief in a just world protect us from: The dread of death or the fear of undeserved suffering? *Psychological Inquiry*, 8, 29-32.
- Lerner, M. J. & Novak, D. (1968). Rejection as a consequence of perceived similarity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 9, 147-152.
- Lerner, M. J. & Simmons, C. (1966). Observer's reaction to the "innocent victim": compassion or rejection? *Journal of Personality and Social Psychology*, 4, 203-210.
- Lodewijckx, H., Wildschut, T., Nijstad, B., Savenije, W., & Smit, M. (2001). In a violent world a just world makes sense: the case of "senseless violence" in the Netherlands. *Social Justice Research*, 14, 79-94.
- Melnick, J. (2002). Why do we knock our heroes off their pedestals? *Gestalt Review*, 6, 181-183.
- Moran, S. & Schweitzer, M. (2008). When better is worse: Envy and the use of deception in negotiations, *Negotiation and Conflict Management Research*, 1, 3-29.
- Portman, J. (2008). Hillary Schadenfreude. Retirado em 26 de Novembro de 2008 de <http://www.psychologytoday.com/blog/saints-and-scoundrels/200804/hillary-schadenfreude>
- Smith, R., Turner, T., Garonzik, R., Leach, C., Urch-Druskat, V., & Weston, C. (1996) Envy and Schadenfreude. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22, 158-

- 168.
- Sutton, R. and Winnard, E.J. (2007) *Looking ahead through lenses of justice: The relevance of just-world beliefs to intentions and confidence in the future. British Journal of Social Psychology, 46*, 649-666.
- Tajfel, H. (1978). *Diferentiation between social groups: studies in the social psychology of intergroup relations*. San Francisco: Academic Press.
- Tesser, A., Millar, M., & Moore, J. (1988) Some affective consequences of social comparison and reflection processes: the pain and pleasure of being close. *Journal of Personality and Social Psychology, 54*, 49-61.
- Van Dijk, W.W., Goslinga, S., & Hoek, T. (2000). Determinants of schadenfreude: the role of envy, deservingness, liking, justice & identification. Proceedings of the 11th Conference of the International Society for Research on Emotions, 2000 (pp. 261-263). ISRE Publications/University of Amsterdam, FMG/Department of Psychology Amsterdam, August 2004
- Van Dijk, W.W., Ouwerkerk, J. W., Goslinga, S., & Nieweg, M. (2005). Deservingness and Schadenfreude. *Cognition and Emotion, 19*, 933-939.
- Van Dijk, W. W., Ouwerkerk, J., Goslinga, S., Nieweg, M., & Gallucci, M. (2006). When people fall from grace: reconsidering the role of envy in Schadenfreude. *Emotion, 6*, 156-160.
- Van Dijk, Goslinga, S., & Ouwerkerk, J. (2008). Impact of responsibility for a misfortune on schadenfreude and sympathy: further evidence. *The Journal of Social Psychology, 148*, 631-636.
- Weinstein, N. (1980). Unrealistic optimism about future life events. *Journal of Personality and Social Psychology, 39*, 806-820.

## ANEXOS

### Itens originais da Escala de Desejabilidade Social de Crowne e Marlowe (1960)

1. Before voting I thoroughly investigate the qualifications of all the candidates.
2. I never hesitate to go out of my way to help someone in trouble.
3. It is sometimes hard for me to go on with my work if I am not encouraged.
4. I have never intensely disliked anyone.
5. On occasion I have had doubts about my ability to succeed in life.
6. I sometimes feel resentful when I don't get my way
7. I am always careful about my manner of dress.
8. My table manners at home are as good as when I eat out in a restaurant.
9. If I could get into a movie without paying and be sure I was not seen I would probably do it.
10. On a few occasions, I have given up doing something because I thought too little of my ability.
11. I like to gossip at times.
12. There have been times when I felt like rebelling against people in authority even though I knew they were right.
13. No matter who I'm talking to, I'm always a good listener.
14. I can remember "playing sick" to get out of something.
15. There have been occasions when I took advantage of someone.
16. I'm always willing to admit it when I make a mistake.
17. I always try to practice what I preach.
18. I don't find it particularly difficult to get along with loud mouthed, obnoxious people.
19. I sometimes try to get even rather than forgive and forget.
20. When I don't know something I don't at all mind admitting it.
21. I am always courteous, even to people who are disagreeable.
22. At times I have really insisted on having things my own way.
23. There have been occasions when I felt like smashing things.
24. I would never think of letting someone else be punished for my wrong-doings.
25. I never resent being asked to return a favor.
26. I have never been irked when people expressed ideas very different from my own.
27. I never make a long trip without checking the safety of my car.
28. There have been times when I was quite jealous of the good fortune of others.
29. I have almost never felt the urge to tell someone off.
30. I am sometimes irritated by people who ask favors of me.
31. I have never felt that I was punished without cause.
32. I sometimes think when people have a misfortune they only got what they deserved.
33. I have never deliberately said something that hurt someone's feelings.



Instituto Superior de Ciências  
do Trabalho e da Empresa

## ESTUDO SOBRE A AVALIAÇÃO DE ARTIGOS DE JORNAIS

Agradecemos desde já a disponibilidade demonstrada para participar neste estudo e pedimos que seja o mais sincero (a) possível nas suas respostas. O primeiro estudo trata-se da validação de uma escala e o segundo estudo diz respeito à avaliação de artigos de jornais. Não existem respostas certas ou erradas, deve responder de forma espontânea e de acordo com o que lhe parecer mais representativo da sua opinião pessoal. Responda com a sua maneira de agir ou sentir e não ao que gostaria num plano ideal.

É importante que leia atentamente toda a informação e que coloque qualquer dúvida, caso lhe surja alguma. Sempre que se enganar, risque a sua resposta e assinale a alternativa que considera aproximar-se mais da sua opinião.

Os dados que nos disponibilizar são anónimos e só serão utilizados neste estudo.

Para efeitos de tratamento estatístico pedimos-lhe apenas que indique:

**Sexo:** Masculino \_\_\_ Feminino \_\_\_

**Idade:** \_\_ anos

**Habilitações:** \_\_\_\_\_

**Actividade profissional:** \_\_\_\_\_

**Curso:** \_\_\_\_\_ **Estabelecimento** \_\_\_\_\_

Obrigado. Pode então começar.

## ESTUDO 1

No âmbito da validação de uma escala, gostaríamos que respondesse em que medida concorda com as seguintes afirmações. Coloque um X na alternativa de resposta que mais se aproxima da sua opinião.

		Discordo completamente	Discordo	Discordo ligeiramente	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo completamente
1	O mundo é um local cheio de mistérios.	1	2	3	4	5	6
2	Na minha vida a injustiça é a exceção e não a regra.	1	2	3	4	5	6
3	Basicamente, o mundo em que vivemos é justo.	1	2	3	4	5	6
4	O melhor da vida são os outros seres humanos.	1	2	3	4	5	6
5	Acho que a maior parte do que me acontece é justo.	1	2	3	4	5	6
6	De um modo geral os acontecimentos da minha vida são justos.	1	2	3	4	5	6
7	“Depois da tempestade, vem a bonança” é um provérbio que se aplica à vida de todos nós.	1	2	3	4	5	6
8	As decisões que os outros tomam em relação a mim são justas.	1	2	3	4	5	6
9	A esperança não faz sentido neste mundo.	1	2	3	4	5	6
10	Acho que geralmente obtenho o que mereço.	1	2	3	4	5	6
11	Geralmente os outros tratam-me de uma maneira justa.	1	2	3	4	5	6
12	Costumo lutar por aquilo em que acredito.	1	2	3	4	5	6
13	As injustiças em todas as áreas da vida (por exemplo, profissão, família, política) constituem uma exceção à regra.	1	2	3	4	5	6
14	Ao longo da vida as pessoas acabam por ser compensadas pelas injustiças sofridas.	1	2	3	4	5	6
15	De uma maneira geral, as pessoas merecem aquilo que lhes acontece.	1	2	3	4	5	6
16	A justiça vence sempre a injustiça.	1	2	3	4	5	6
17	Em geral eu mereço o que me acontece.	1	2	3	4	5	6
18	A finalidade da vida é sermos felizes.	1	2	3	4	5	6
19	As pessoas tentam ser justas quando tomam decisões importantes.	1	2	3	4	5	6

**Ainda para a validação dessa escala, gostaríamos que assinalasse as seguintes afirmações como Verdadeiras ou Falsas, relativamente às suas atitudes e comportamentos. Coloque um V para “verdadeiro” ou um F para “falso” à frente de cada afirmação, na respectiva linha da coluna.**

1. Antes de votar, investigo cuidadosamente as qualificações dos candidatos para o cargo.
2. Nunca hesito em desviar-me do meu caminho para ajudar alguém em apuros.
3. Por vezes, é difícil para mim continuar o meu trabalho se não for encorajado (a).
4. Nunca desgostei intensamente de alguém.
5. Ocasionalmente, tenho dúvidas da minha capacidade para ter sucesso na vida.
6. Às vezes, fico ressentido (a) quando não consigo “levar a minha avante”.
7. Sou sempre muito cuidadoso (a) na minha maneira de vestir.
8. As minhas maneiras à mesa são tão boas em casa como quando como num restaurante.
9. Se eu pudesse entrar numa sala de cinema para ver um filme sem pagar e tendo a certeza que não era visto (a), provavelmente fazia isso.
10. Em algumas ocasiões desisti de fazer algo por perceber que tinha pouca habilidade para tal.
11. Às vezes, gosto de coscuvilhar.
12. Em determinadas alturas, senti vontade de me revoltar contra pessoas com autoridade, mesmo sabendo que elas estavam certas.
13. Não interessa com que esteja a falar, sou sempre um bom (a) ouvinte.
14. Lembro-me de já ter fingido estar doente para não participar em alguma coisa.
15. Houve alturas em que me aproveitei de alguém.
16. Estou sempre disposto(a) a admitir quando cometo um erro.
17. Tento fazer aquilo que apregoo.
18. Não considero particularmente difícil conviver com pessoas rudes.
19. Às vezes, tento vingar-me, em vez de perdoar e esquecer.
20. Quando não sei algo, não me importo de admiti-lo.
21. Sou sempre gentil (cortês), mesmo com pessoas desagradáveis.
22. Por vezes, insisti bastante para que as coisas fossem à minha maneira.
23. Houve alturas em que senti vontade de partir coisas.
24. Nunca pensei em deixar que alguém fosse punido pelos meus erros.
25. Nunca fico zangado (a) por me pedirem para retribuir um favor.
26. Nunca me chateio quando as pessoas expressam ideias muito diferentes das minhas.
27. Nunca fiz uma viagem de longa distância sem verificar primeiro a segurança do meu carro.
28. Houve alturas em que senti bastante inveja da sorte de alguns.
29. Quase nunca senti necessidade de falar de forma agressiva com alguém.
30. Às vezes sou irritado (a) por pessoas que me pedem favores.
31. Nunca senti que estava a ser punido (a) sem razão.
32. Às vezes, penso que quando alguém sofre um infortúnio, teve apenas o que merecia.


33. Nunca disse algo com a intenção de magoar os sentimentos de alguém.



## ESTUDO 2

**Passemos agora ao Estudo 2. Ser-lhe-á apresentado um excerto de um jornal diário com uma notícia de um assalto à mão armada. Por questões de anonimato, não será revelado nem o nome nem o sexo da pessoa que foi alvo do assalto. Essa informação foi apagada e substituída por um X.**

**Pedimos-lhe que leia atentamente e se tiver alguma dúvida, coloque-a.**

### **“Assalto à mão armada**

*No dia 17 de Setembro de 2008, X voltou a casa de automóvel, depois de mais um dia no escritório onde trabalhava. A estrada por onde ia era uma estrada com pouco movimento e mal iluminada, que X utilizou para encurtar o caminho até casa. De repente, enquanto parou para fazer uma curva mais apertada, entraram no seu veículo três pessoas. O veículo tinha as portas destrancadas, a entrada foi feita abrindo uma das portas traseiras. É nesse momento que é apontada uma arma de fogo à cabeça de X e é colocado(a) pelas três pessoas na bagageira. O carro foi conduzido por cerca de duas horas. Ao fim desse tempo, o carro foi estacionado e abandonado pelas três pessoas. Porém, duas delas voltaram ao lugar passados alguns minutos. Discutiram sobre que destino dar a X, falando na possibilidade do homicídio, enquanto X ouvia toda a conversa. Algum tempo depois, retiraram X da bagageira, entregaram-lhe as chaves e disseram-lhe que estava safo(a) porque se tinha portado bem. X entrou depois na viatura e reparou que algumas partes no seu interior estavam completamente danificadas e que a sua carteira, os seus documentos e um relógio de pulso haviam desaparecido. X já recebeu os devidos cuidados de saúde, contudo, o psicólogo que o(a) assistiu afirmou que X terá mazelas psicológicas para toda a vida. A polícia está neste momento a investigar o caso.”*

**Em primeiro lugar, gostaríamos que respondesse a algumas questões gerais sobre o artigo. Coloque um X na alternativa de resposta que mais se aproxima da sua opinião.**

		Discordo completamente	Discordo	Discordo ligeiramente	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo completamente
1	O artigo tem uma linguagem clara	1	2	3	4	5	6
2	Este tipo de notícia é comum nos dias de hoje	1	2	3	4	5	6
3	A notícia é muito extensa.	1	2	3	4	5	6
4	O título da notícia é adequado.	1	2	3	4	5	6

**Com base na notícia que acabou de ler e na impressão com que ficou de X, responda agora às questões seguintes, colocando um círculo na alternativa de resposta que considera que mais se aproxima à sua opinião . Responda de um modo espontâneo seguindo o seu primeiro impulso.**

1. Em que medida X é responsável pelo assalto?

Nada responsável 1 2 3 4 5 6 Totalmente responsável

2. X podia ter evitado o assalto?

Não, de modo algum 1 2 3 4 5 6 Sim, completamente

3. Em que medida X é culpado pelo assalto de que foi alvo?

Nada culpado 1 2 3 4 5 6 Totalmente culpado

4. Como caracterizaria a situação em que X se encontra?

Completamente injusta 1 2 3 4 5 6 Completamente justa

5. X merece o que lhe aconteceu.

Concordo completamente 1 2 3 4 5 6 Discordo Completamente

6. X tem sofrido muito.

Concordo completamente 1 2 3 4 5 6 Discordo Completamente

7. Se conhecesse X estaria disposto a conversar com ele(a)?

Não, de modo nenhum 1 2 3 4 5 6 Sim, certamente

8. Iria a uma festa onde X estivesse presente?

Não, de modo nenhum 1 2 3 4 5 6 Sim, certamente

9. Se fosse amigo de X estaria disposto a continuar a sê-lo quando soubesse que ele(a) tinha sido alvo de um assalto?

Com o mal dos outros

Não, de modo nenhum 1 2 3 4 5 6 Sim, certamente

**Diga-nos agora em que grau considera que os seguintes adjectivos caracterizam X. Coloque um círculo na alternativa de resposta que considera que mais se aproxima à sua opinião.**

1. competente	1 nada	2	3	4	5	6 muitíssimo
2. de quem se gosta	1 nada	2	3	4	5	6 muitíssimo
3. prestável	1 nada	2	3	4	5	6 muitíssimo
4. sincero(a)	1 nada	2	3	4	5	6 muitíssimo
5. caloroso(a)	1 nada	2	3	4	5	6 muitíssimo
6. confiante	1 nada	2	3	4	5	6 muitíssimo
7. competitivo(a)	1 nada	2	3	4	5	6 muitíssimo
8. independente	1 nada	2	3	4	5	6 muitíssimo
9. trabalhador(a)	1 nada	2	3	4	5	6 muitíssimo
10. bem-educado(a)	1 nada	2	3	4	5	6 muitíssimo
11. inteligente	1 nada	2	3	4	5	6 muitíssimo
12. boa pessoa	1 nada	2	3	4	5	6 muitíssimo
13. determinado(a)	1 nada	2	3	4	5	6 muitíssimo
14. tolerante	1 nada	2	3	4	5	6 muitíssimo
15. responsável	1 nada	2	3	4	5	6 muitíssimo

**Uma vez que pretendemos avaliar a qualidade deste artigo de jornal, gostaríamos ainda de conhecer as suas reacções quando pensa no que aconteceu a X. Coloque um círculo na alternativa de resposta que mais se aproxima da sua opinião.**

		Discordo completamente	Discordo	Discordo ligeiramente	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo completamente
1	Sinto-me aliviado (a) por pensar que não fui eu o alvo do assalto.	1	2	3	4	5	6
2	O que aconteceu dá-me alguma satisfação.	1	2	3	4	5	6
3	Gostei do que aconteceu a X.	1	2	3	4	5	6
4	Comparo-me a ele(a) e tenho uma sensação de alívio.	1	2	3	4	5	6
5	Penso como é bom nunca me ter acontecido nada semelhante.	1	2	3	4	5	6
6	Não consegui resistir a sorrir um pouco.	1	2	3	4	5	6
7	Sinto-me privilegiado (a) por não ser eu no carro naquele dia.	1	2	3	4	5	6
8	Tive mesmo que me rir um pouco.	1	2	3	4	5	6
9	Sinto prazer malicioso.	1	2	3	4	5	6

1. Para percebermos a capacidade de memorização deste artigo, gostaríamos de saber, de acordo com o que leu no mesmo, se o carro de X antes de ser atacado tinha:

Portas trancadas

Portas destrancadas

**Por fim, gostaríamos ainda de saber se:**

2. Já foi alvo de algum assalto semelhante ao descrito no artigo de jornal?

Sim

Não

3. Tem carta de condução?

Sim

Não



**Informação pessoal**

Apelido(s) / Nome(s) próprio(s) PEREIRA, Ana Sofia

Telefone(s) 968891085

Correio(s) electrónico(s) sofiarcpereira@gmail.com

Nacionalidade Portuguesa

Data de nascimento 25-10-86

Sexo Feminino

**Emprego pretendido / Área funcional** Psicóloga Social e das Organizações

**Experiência profissional**

Datas Janeiro de 2009 a Abril de 2009

Função ou cargo ocupado Estagiária Curricular

Principais actividades e responsabilidades Formação; Apoio ao desenvolvimento de recursos humanos

Nome e morada do empregador Factor Social

Tipo de empresa ou sector Consultoria em psicossociologia do ambiente

Datas Agosto de 2007 a Dezembro de 2007

Função ou cargo ocupado Agente imobiliária em formação

Principais actividades e responsabilidades Gestão e acompanhamento de clientes; Promoção de imóveis

Nome e morada do empregador Remax

Tipo de empresa ou sector Imobiliária

Datas Maio de 2006

Função ou cargo ocupado Colaboradora no recrutamento de participantes para experiências de psicologia

Principais actividades e responsabilidades Recrutamento de participantes para experiências de psicologia

Nome e morada do empregador LAPSO

Tipo de empresa ou sector Laboratório de investigação em psicologia social e das organizações

**Educação e formação**

Datas De Setembro de 2007 à actualidade

Designação da qualificação atribuída Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

- Principais disciplinas/competências profissionais
- Desenvolvimento de programas no âmbito da psicologia social e das organizações
  - Experiência em contexto de trabalho
  - Desenvolvimento de trabalho de investigação na área da psicologia
  - Análise de dados
  - Conhecimentos na área de gestão de recursos humanos

Nome e tipo da organização de ensino ou formação ISCTE- IUL (Instituto Universitário de Lisboa)

Datas De Setembro de 2004 a Julho de 2007

Designação da qualificação atribuída Licenciatura em Psicologia

- Principais disciplinas/competências profissionais
- Teorias clássicas em Psicologia
  - Metodologias de Investigação Quantitativa e Qualitativa
  - Psicologia Social
  - Psicologia das Organizações
  - Análise de Dados

Nome e tipo da organização de ensino ou formação ISCTE- IUL (Instituto Universitário de Lisboa)

**Aptidões e competências pessoais**

Língua(s) materna(s)

Português

Outra(s) língua(s)

Auto-avaliação

Nível europeu (\*)

**Inglês**

Compreensão				Conversaço				Escrita	
Compreensão oral		Leitura		Interacção oral		Produção oral			
B2	Utilizador independente	B2	Utilizador independente	B2	Utilizador independente	B1	Utilizador independente	B2	Utilizador independente

Aptidões e competências sociais

- Assertividade, trabalho em equipa e liderança (Membro de um grupo de jovens)
- Consciência social (voluntariado com sem-abrigos)
- Animação recreativa (visitas a lares de idosos)
- Sentido de responsabilidade (acompanhamento de crianças à praia durante a época balnear)

Aptidões e competências de organização

- Planeamento de actividades (Exercício da função de catequista durante um ano)
- Organização de eventos/encontros (Membro de um grupo de jovens)



Aptidões e competências informáticas	Conhecimentos informáticos na óptica do utilizador e conhecimentos médios do software estatístico SPSS
Aptidões e competências artísticas	Integração de peças de teatro amador (Membro de um grupo de jovens)
Outras aptidões e competências	-Criatividade -Empreendedorismo
Carta de condução	Categoria B
Informação adicional	Conhecimento de diferentes culturas (realização de um interrail de um mês pela Europa)